

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

TACIANA FARIAS MARTINS

ENTRE BRASIL E PORTUGAL:
COMO ESTUDANTES BRASILEIROS DE UNIVERSIDADES PORTUGUESAS
PERCEBEM O VALOR DE OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA

PORTO ALEGRE
2022

TACIANA FARIAS MARTINS

ENTRE BRASIL E PORTUGAL:
COMO ESTUDANTES BRASILEIROS DE UNIVERSIDADES PORTUGUESAS
PERCEBEM O VALOR DE OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Aline do Amaral Garcia Strelow

PORTO ALEGRE
2022

TACIANA FARIAS MARTINS

ENTRE BRASIL E PORTUGAL:
COMO ESTUDANTES BRASILEIROS DE UNIVERSIDADES PORTUGUESAS
PERCEBEM O VALOR DE OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

APROVADA EM:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Aline do Amaral Garcia Strelow – FABICO - UFRGS
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª Marcia Benetti Machado – FABICO - UFRGS
Examinadora

Prof. Dr. Basilio Sartor – FABICO - UFRGS
Examinador

AGRADECIMENTOS

Considero que a minha trajetória na universidade, bem como a realização deste trabalho, foram marcados por dois momentos essenciais que moldaram a pessoa que eu sou hoje. Entrar na UFRGS e fazer mobilidade acadêmica foram dois sonhos que planejei, busquei e, felizmente, concretizei. Nada disso seria possível sem as pessoas que me cercam. Sempre valorizei e prezei pelas minhas relações, sinto que sou um pouco de cada um que cruzou e marcou o meu caminho. Dito isso, inicio agradecimento primeiramente aos meus pais, Simara e Gustavo, por terem apoiado o meu sonho de entrar numa universidade federal e não terem me deixado desistir quando falhei em diversos vestibulares e quando desacreditei da minha capacidade. Aos meus irmãos, Bruno e Thamires, que também foram incansáveis no apoio e na paciência. Às minhas tias, Karine e Clarissa, por terem auxiliado na minha criação e serem exemplos. Aos meus avós, José, Rosa, Tânia e Hedo, pelo carinho e amor dedicado sempre.

Agradeço também às irmãs que a vida me deu: Natália, Júlia e Vitória. Criativas, inteligentes, críticas e engraçadas, foram as primeiras amigas que me acolheram e fizeram com que eu entendesse o que era amizade de verdade. Em especial à Nati, que comemora toda e qualquer conquista minha e que foi inspiração e motivação para realizar a mobilidade acadêmica na cidade do Porto. Agradeço também quem chegou depois, no ensino médio, mas fizeram e fazem toda a diferença: João Pedro e Alice. Agradeço as três preciosidades que conheci no cursinho e são até hoje amigas que posso contar em qualquer momento: Paula, Thayná e Nathália.

Na UFRGS, fiz amizades que carrego comigo com muito carinho. Agradeço ao grupo Caravana, primeiro grupo de amigos que fiz na faculdade e que partilharam comigo todos os momentos bons e caóticos que envolvem ser bixete e veterana. Agradecimento especial para as minhas duas melhores amigas da faculdade: Isabel e Heloíse. Elas formam comigo o trio Tacibelise, tão amado pelo público (risos). Foi com elas que dividi praticamente todos os trabalhos acadêmicos e, sem dúvida alguma, todas as minhas dúvidas e incertezas jornalísticas e pessoais. Admiro as duas como pessoas e profissionais, e sei que o jornalismo esportivo e o jornalismo cultural e político estão à salvo com elas. Agradeço também ao Taiwo, que com o tempo, se tornou um dos meus melhores amigos e confidentes.

Agradeço às meninas do grupo BBB, que me inspiram e me motivam a ser uma mulher melhor. Em especial, cito aqui a Larissa, que compartilhou comigo um dos momentos mais significativos da minha vida e que foi a maior conselheira que eu pude ter em diversos

momentos. Agradeço também à Lunelli, que com o jeito de ver o mundo, faz a minha "van" ficar mais leve e divertida. À Laura Raupp, que me inspira muito com o jeitinho único de ser.

Agradeço ao meu grupinho de jornal, o Traças, e cito aqui eles: Daniel, Caroline, Luisa, Maiara e Rafaela. Obrigada por dividirem as alegrias e angústias da nossa profissão, e por estarem comigo em todos os momentos. Agradeço também a eles, que moram pertinho, mas fiquei amiga só quando cruzei o oceano: Fernanda e Francisco. Obrigada por dividirem comigo a experiência do intercâmbio, e por manterem essa amizade porto-alegrense com amor e risadas. Ao grupo Amigassos, especialmente à Juju, à Ana e à Jéssica, que são acolhimento e verdade.

Agradecimento especial também aos amigos que fiz no intercâmbio e que participaram de um momento de muito amadurecimento e descobertas. Dividir essas experiências com eles, que aceitaram a minha mais verdadeira versão, me faz feliz só de recordar. Foram eles também que viraram família e acolhimento, quando lá do outro lado do mundo, encaramos uma pandemia sem estar próximos de quem amamos. Obrigada grupo PortoMigos, Podcast de Fofoca e T5 São Brás.

Agradecimento especial à Clara, Evelyn, Waldick, Isabel, Talissa, Maryanna e Mariane (não é dupla sertaneja, viu?), que mesmo depois do intercâmbio se fazem presentes na minha vida, à distância, e ganharam um lugar muito especial dentro do meu coração. A experiência que eu vivi foi mais leve e bonita porque compartilhei com eles.

Agradeço também aos estudantes entrevistados que, sem ganhar nada em troca, toparam participar dessa pesquisa e disponibilizaram uma parte dos seus respectivos tempos para conversar e trocar comigo. Admiro quem decide morar fora e fazer a sua vida num país que não é o seu de origem, longe de muitos que amam e de tudo o que foram acostumados desde pequenos. Por isso, além do agradecimento, fica aqui também a minha admiração.

Agradeço, claro, aos professores que passaram por mim na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que moldaram a minha visão crítica e reflexiva sobre o jornalismo e sobre a comunicação. Em especial à professora Aline Strelow, que me acompanhou e orientou nesse final de faculdade, me deixando calma quando a ansiedade tomava conta. Agradeço à própria UFRGS e à Fabico, por um ensino de qualidade, público e gratuito, que moldou uma parte muito grande de quem eu sou hoje.

Agradeço também à Amanda, minha psicóloga, que me acompanha desde 2016, portanto viu, partilhou e acompanhou toda essa trajetória que, como ela bem sabe, teve um começo caótico. Foi nas sessões de terapia que pude me conhecer melhor e entender parte da complexidade que envolve ser e viver. Por fim, e não menos importante, aprendi com o

tempo e também com a terapia que posso e devo ser grata a mim. Agradeço o meu esforço e dedicação de ir atrás do que eu sonho e agradeço por entender que, essa e outras trajetórias, não se faz sozinha, mas sim acompanhada de pessoas que nos fazem bem e que nos querem bem. Essa trajetória inicia, na verdade, no meu ensino fundamental e médio, que me trouxeram noção de realidade e me fizeram insistir por três anos num ensino superior que também fosse público e gratuito. Mesmo ouvindo muitas vezes a frase "mais um ano estudando? Faz uma faculdade particular", optei por Tentar Outra Vez e realizar o sonho de ingressar na UFRGS. Consegui. Obrigada a todos.

"Quem fomos há de sempre estar contido em quem somos, por mais que mudemos ou aprendamos coisas novas."

(Valter Hugo Mãe)

RESUMO

O estudo aborda a relação do valor de objetividade através da percepção dos alunos brasileiros estudantes de comunicação nas universidades portuguesas. Dessa forma, o objetivo geral é investigar as diferentes percepções de estudantes brasileiros de jornalismo sobre a objetividade no jornalismo luso, trazendo uma discussão sobre os conceitos de objetividade e reconhecendo aspectos culturais percebidos na produção jornalística brasileira e portuguesa. A discussão teórica engloba conceitos de objetividade, subjetividade e intersubjetividade, bem como a análise dos manuais e livros de estilo e redação de jornais de referência do Brasil e de Portugal. Referente à pesquisa empírica, qualitativa, a técnica selecionada para coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada com dez estudantes brasileiros de seis universidades portuguesas selecionadas. A análise das entrevistas se dividiu em três partes: 1) percepção dos entrevistados sobre o valor de objetividade e sobre as universidades portuguesas, 2) percepção dos entrevistados em relação a outros critérios e princípios essenciais para o jornalismo e 3) percepção dos entrevistados sobre semelhanças e diferenças no jornalismo brasileiro e português. A partir da análise das entrevistas, percebeu-se que o valor de objetividade é citado em sala de aula, mas há pouco debate e aprofundamento teórico sobre a questão. Reconhece-se também que o valor predomina no seu sentido prático e técnico, associado muito mais aos aspectos textuais do que à reflexão e discussão do conceito.

Palavras-chave: Jornalismo; Objetividade jornalística; Jornalismo brasileiro; Jornalismo português; Manuais de redação

ABSTRACT

This study contemplates the perception of the journalistic objectivity criterion of Brazilian communication students registered in Portuguese universities. This way, the general objective is to investigate the perceptions of Brazilian students of Journalism upon the objectivity of Portuguese journalism, bringing up a conversation about the concepts of objectivity and recognizing cultural aspects that are perceived in both Portuguese and Brazilian journalistic production. The theoretical discussion engulfs the aspects of objectivity, subjectivity, and intersubjectivity, as well as the analysis of manuals and books for journalistic writing made by popular newspapers of Brazil and Portugal. In this empirical and qualitative research, the selected technique for data collection was the semi-structured interview with ten Brazilian students from six selected Portuguese universities. The analysis of the interviews was separated into three parts: 1) the perception of the interviewed about the criterion of objectivity and Portuguese universities 2) the perception of the interviewed in relation to other criteria and essential principles of journalism, and 3) the perception of the interviewed about the similarities and differences between the Portuguese and the Brazilian journalism. Based on the analysis of the interviews, it was perceived that the journalistic objectivity is studied throughout the course lessons, but there is little discussion and theoretical complexity on the matter. It can be recognized as well that the criterion preponderates in its more practical and technical aspects, being more associated with a writing method, rather than a reflexive one.

Keywords: journalism; journalistic objectivity; Brazilian journalism; Portuguese journalism; journalistic style books

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	33
Figura 2	35
Figura 3	36
Figura 4	38
Figura 5	42
Figura 6	43
Figura 7	44
Figura 8	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	32
Quadro 2	39
Quadro 3	49
Quadro 4	51
Quadro 5	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA	15
2.1 Um conceito em mutação	15
2.2 Subjetividade e intersubjetividade	23
3 OBJETIVIDADE NOS MANUAIS DE REDAÇÃO DE JORNAIS DE REFERÊNCIA BRASILEIROS E PORTUGUESES	28
3.1 O valor de objetividade nos manuais de redação de referência.....	28
3.2 Jornalismo de referência	31
3.3 Manuais de redação brasileiros	31
3.4 Manuais de redação portugueses	39
3.5 Considerações acerca dos manuais brasileiros e portugueses analisados	45
4 OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA SOB O OLHAR DE ESTUDANTES BRASILEIROS EM PORTUGAL	47
4.1 Apresentação do corpus e do método	47
4.2 Apresentação dos entrevistados	49
4.3 Percepção dos entrevistados: valor de objetividade e as universidades portuguesas.....	51
4.4 Percepção dos entrevistados: outros valores essenciais para o jornalismo.....	58
4.5 Percepção dos entrevistados: semelhanças e diferenças no jornalismo brasileiro e português	62
4.6 Considerações acerca da análise	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERENCIAS	72
APÊNDICE A - MODELO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA	76

1. INTRODUÇÃO

O tema dessa pesquisa é a objetividade jornalística e a percepção dos estudantes brasileiros em Portugal sobre esse valor. O conceito de objetividade é um dos fundamentos do jornalismo mais discutidos e é alvo de diferentes debates dentro e fora do campo jornalístico. Quando se pensa na construção dos critérios e valores dessa profissão, a objetividade sempre é citada, mesmo que muitas vezes o seu conceito não seja bem compreendido ou seja confundido com outros significados, como o da verdade e o da veracidade de uma notícia. Uma pesquisa realizada por Hohlfeldt (2008), com referências de 1969 a 1999, mostra que a objetividade é a categoria jornalística mais citada entre os autores e pesquisadores daquele período, e que traz consigo uma grande diversidade de conceitos e entendimentos. Atualmente, a objetividade segue sendo pauta de discussões teóricas e aparece como uma questão importante nos manuais de redação dos jornais de referência brasileiros e portugueses.

Nelson Traquina (2004) em seu livro *Teorias do Jornalismo - Porque as notícias são como são*, afirma que o jornalismo como conhecemos nas sociedades democráticas tem como vínculo o início do século XIX, quando a imprensa se desenvolveu. E é nesse contexto que o jornalismo ganha valores que até hoje são identificados como fundamentais: objetividade, busca pela verdade, independência e serviço ao público. Ainda de acordo com o autor, a partir do século XX, existiu um pessimismo em relação à democracia: “verificaram-se crises profundas do sistema democrático e a tomada do poder por parte de forças autocráticas, incluindo os partidos fascistas em vários países” (TRAQUINA, 2004, pg. 136). A objetividade surge então como um método para que o rigor do trabalho e das informações não se altere dentro de uma matéria jornalística, e para que a mesma não se assemelhe a uma propaganda.

Gaye Tuchman (1999) defende que a objetividade surge como uma espécie de “estratégia performativa”. O repórter para efetuar uma reportagem precisa em pouco tempo compreender um acontecimento e o seu “background”, além de precisar respeitar uma hierarquia dos veículos jornalísticos e passar por escolhas editoriais. A ideia do jornalismo ser feito com objetividade seria então um ritual de proteção aos jornalistas — desde críticas a processos externos.

Os jornalistas invocam os procedimentos rituais para neutralizar potenciais críticas e para seguirem rotinas confinadas pelos "limites cognitivos da racionalidade". Esses mesmos procedimentos rituais também são "estratégias" performativas (March e Simon, 1967, pp. 137, 141). O termo estratégia denota a tática ofensiva destinada a

prevenir o ataque ou a defletir, do ponto de vista defensivo, as críticas. (TUCHMAN, 1999, p. 75)

De acordo com Jorge Pedro Sousa (2005, p. 46), a noção equivocada de que as notícias são objetivas porque são um espelho da realidade se arraigou na cultura jornalística mesmo depois da compreensão de que essa ideia estava ultrapassada: “alguns jornalistas importaram para o campo jornalístico a ideia de que a objetividade entendida como o espelho da realidade ou a apropriação integral do objecto de conhecimento pelo sujeito que conhece, pode ser uma meta mas não uma meta alcançável”.

A Teoria do Espelho, de acordo com Traquina (2004), foi uma das teorias mais antigas para demonstrar que “as notícias são como são porque a realidade assim as determina” (TRAQUINA, 2004, p. 146). Segundo o autor, essa teoria cria a ideia de que os jornalistas são imparciais e relatam os fatos como simples mediadores de um acontecimento. Entretanto, Traquina afirma que a teoria do espelho é uma explicação “pobre e insuficiente, que tem sido posta em causa repetidamente em inúmeros estudos sobre o jornalismo” (TRAQUINA, 2004, p. 149). Darnton (2010) afirma que ao longo de todas as eras, a informação sempre foi instável e que as notícias sempre foram um artefato e nunca corresponderam exatamente ao que aconteceu. “Encaramos a primeira página do jornal de hoje como um espelho dos acontecimentos de ontem, mas ela é, literalmente, um diagrama montado no início da noite anterior por diagramadores que montaram a primeira página seguindo convenções arbitrárias” (DARNTON, 2010, p. 42). O autor ainda afirma que as notícias não são o que aconteceu, mas uma história sobre o que aconteceu.

Entende-se também, atualmente, que a subjetividade faz parte do processo jornalístico, visto que desde a escolha da pauta até a escolha das palavras passam por um sujeito e por suas vontades, bem como por uma edição e uma revisão do veículo jornalístico em que determinada notícia será veiculada. Eduardo Meditsch (2001) defende que o jornalismo também é intersubjetivo, ou seja, a produção de um sentido não acontece de maneira unilateral, pois o sujeito que recebe uma determinada informação também é responsável pela criação de sentido.

Na perspectiva da intersubjetividade, a objetividade se define em relação à realidade e não ao discurso (nem à sua forma, nem aos procedimentos de sua construção). O discurso não se torna objetivo pela postura de seu autor, torna-se objetivo quando é exteriorizado por este autor e assim passa a fazer parte de uma realidade concreta exterior a ele. (MEDITSCH, 2001, p. 3)

Em 1919, Walter Lippmann e Charles Merz escrevem um relato sobre como preconceitos culturais distorceram a cobertura que o *New York Times* fez na Revolução Russa de 1917. De acordo com Lippmann, a subjetividade faz parte dos seres humanos e a objetividade deve ser aplicada ao método jornalístico e não ao jornalista em si. Mas a forma como a objetividade é compreendida e aplicada pode variar bastante, visto que o próprio termo é mal interpretado e o entendimento da ideia é bastante confuso, em parte porque “os jornalistas não conseguem explicar o que fazem” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003).

No que diz respeito à comunicação, por exemplo, o jornalismo tem se reformulado e apresentado novas facetas por conta das novas tecnologias e da facilidade de encontrar informações disponíveis em diferentes plataformas. Além disso, a profissão muitas vezes é desacreditada, e parte dessa descrença vem da busca por uma verdade e uma objetividade jornalística que muitas vezes pode não ser tão simples quanto parece. Seria então a objetividade um conceito utópico nunca alcançado pelos jornalistas? Qual a relação da objetividade com a precisão e a veracidade de um fato?

Ao longo do ano de 2020, tive a oportunidade de fazer uma mobilidade acadêmica na cidade do Porto, em Portugal, para estudar por um ano o que na Universidade do Porto é denominado Ciências da Comunicação. Foi nesse processo que algumas questões relacionadas ao jornalismo — seja na maneira de fazer ou de refletir sobre a profissão — começaram a surgir na minha cabeça como curiosidade e vontade de entender um pouco mais sobre o jornalismo feito em dois países diferentes, mas ligados por sua história e língua oficial.

Incentivados por essa questão da língua, da qualidade de vida ou de certa facilidade de imigração, os brasileiros lideram as estatísticas¹ entre as diferentes nacionalidades que frequentam as universidades portuguesas. De acordo com o Consulado Geral de Portugal em São Paulo, os brasileiros já representam cerca de 30% dos estrangeiros nas universidades portuguesas.² Além disso, Brasil e Portugal vêm firmando uma série de convênios para aceitar novos estudantes brasileiros, como por exemplo, o uso da nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como forma de ingresso. Atualmente, são cerca de 50 universidades portuguesas que aceitam as notas do exame como forma para garantir uma vaga.³

¹ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/09/veja-por-que-estudar-em-portugal-e-tao-atrativo-para-estrangeiros.shtml>. Acesso em 01 out. 2021

² Disponível em:

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2018/03/geral/614374-cresce-o-numero-de-brasileiros-que-optam-por-estudar-em-portugal.html. Acesso em: 02 out. 2021.

³ Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/enem/enem-portugal>. Acesso em: 02 out. 2021

Para além das universidades, os brasileiros ainda assim são a maior comunidade estrangeira em Portugal, representando 27,8% dos imigrantes no país, de acordo com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). O Serviço ainda contabiliza que há 183.933 brasileiros residentes oficiais contabilizados em Portugal, mas afirma que a quantidade de pessoas vivendo no país é ainda maior, já que o número não considera quem ainda não está regularizado ou quem tem dupla nacionalidade.⁴ Além disso, Portugal vem firmando uma série de acordos que facilitam a entrada⁵ e a permanência⁶ de brasileiros no país. Diante desses dados, e da quantidade de brasileiros que tentam uma vida fora do seu país de origem por conta dos mais diversos motivos, tive a curiosidade de entender algumas percepções dos brasileiros estudantes de comunicação que vivem essa realidade e que são os meus futuros colegas de profissão.

Ao frequentar o curso, observei que uma das grandes diferenças era a quantidade de debates e diálogos coletivos que existiam dentro da sala de aula. Enquanto aluna da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), estava acostumada a ter um espaço e um tempo considerável para análise crítica de matérias jornalísticas, de conceitos jornalísticos e de questionamentos sobre o que era comunicação e, dentro dela, qual era o papel do jornalismo. Embora eu tenha cursado apenas um ano de jornalismo na Universidade do Porto, como estudante de mobilidade acadêmica pude cursar disciplinas de todos os anos e semestres, o que fez com que a minha grade curricular fosse vasta e abrangesse desde aulas mais teóricas dos primeiros semestres até aulas práticas do último semestre. E foi nesse contexto que pude notar bastante diferença no espaço dentro de sala de aula dedicado para debater e questionar alguns conceitos e métodos do “fazer jornalístico”.

Dentro desse processo, algumas questões circulavam a minha mente, como por exemplo: que conceitos os portugueses consideram como fundamentais para o fazer jornalístico? De que forma esses estudantes brasileiros se encaixam no mercado de trabalho português após concluir a graduação? Como eles enxergam o jornalismo feito em Portugal? A escolha pela graduação é pela qualidade de vida ou pela identificação com o país e com a

⁴ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/06/numero-de-brasileiros-cresce-216-e-volta-a-bater-recorde-em-portugal.shtml>>. Acesso em: 02 out. 2021

⁵ Disponível em:

<https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2022/09/02/portugal-aprova-acordo-que-vai-facilitar-entrada-de-brasileiros-no-pais.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2022

⁶ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/blogs/portugal-giro/post/2022/09/brasileiros-poderao-tirar-cidadania-portuguesa-pela-internet.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2022

comunicação que é feita? O que significa ser jornalista em Portugal na visão de estudantes brasileiros?

Foram esses questionamentos iniciais que me instigaram a querer entender um pouco mais sobre a visão dos estudantes brasileiros de jornalismo, que optaram por viver e construir sua carreira profissional em Portugal, sobre como eles enxergam alguns conceitos e discussões dentro dessa profissão. Para além desses questionamentos e voltando um pouco a minha experiência como estudante de jornalismo no Brasil, ao longo do meu percurso acadêmico algumas problematizações sempre estiveram presentes e me chamaram a atenção no que diz respeito à discussão teórica sobre o jornalismo, principalmente aquelas que não têm um conceito “fechado”, que trazem diferentes interpretações e que geram discussões desde as primeiras reflexões sobre o jornalismo até hoje. É nesse contexto que chego à conclusão de qual seria o meu tema de estudo: o valor de objetividade.

O vínculo dos jornalistas com o público parte muitas vezes de “percepções como credibilidade, confiabilidade e legitimidade” (FRANCISCATO, 2005). E como isso funciona num âmbito intercultural? Quais são as diferenças e as semelhanças que os próprios estudantes de jornalismo enxergam na maneira como os veículos de comunicação interpretam e praticam a objetividade jornalística? A percepção dos futuros jornalistas e o meio em que estão envolvidos diz muito a respeito do tipo de jornalismo que será feito nos próximos anos. Entender essa questão é também entender quem são e o que refletem os atuais e futuros comunicadores brasileiros, mesmo que atuantes em outro país. A objetividade, bem como outros valores jornalísticos, é parte do processo de construção e de reflexão sobre a profissão.

O trabalho tem como objetivo geral, portanto, investigar as diferentes percepções de estudantes brasileiros de universidades portuguesas sobre a objetividade jornalística, trazendo uma ampla discussão sobre os conceitos de objetividade, reconhecendo aspectos culturais percebidos na produção jornalística brasileira e portuguesa. Os objetivos específicos são: a) identificar concepções de objetividade jornalística a partir da visão de estudantes brasileiros em Portugal; b) comparar as noções sobre a expressão do valor de objetividade na produção jornalística dos dois países, através das normas e condutas dos manuais de jornais de referência; c) analisar o modo como o valor é discutido nos cursos de jornalismo e comunicação portugueses, através da percepção dos alunos brasileiros que estudam em Portugal, por meio de entrevistas.

A discussão de objetividade e subjetividade dentro do jornalismo já vem de tempos, e foi possível observar isso na investigação do estado da arte da pesquisa sobre esse tema. Para isso, foram buscados resultados de trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e

artigos dos repositórios da UFRGS, UnB, UFSM, UNISINOS, PUC-RS, Capes, Intercom e SBPJor. A combinação das palavras-chaves eram alteradas em busca de resultados melhores — ou mais específicos — mas basicamente os termos repetidos foram: Jornalismo, Portugal, Brasil, Objetividade, Cultura, Comunicação, Subjetividade, Jornalismo Internacional. Foram contemplados trabalhos publicados entre 2000 e 2021, a fim de obter mais resultados. Dos 36 trabalhos citados no estado da arte que compus, foram encontrados 17 que falavam diretamente sobre a questão da objetividade, seja no título ou em subcapítulos. Entretanto, estes geralmente estão associados à análise de artigos ou de reportagens jornalísticas. No que diz respeito às comparações entre Brasil e Portugal, a maior parte dos trabalhos encontrados durante a minha pesquisa — mais especificamente 10 trabalhos — discutem sobre a visão de um país em relação ao outro, ou a diferença de análise discursiva de algum caso mundial relatado nos jornais impressos e digitais.

Há poucos trabalhos que se dispõem a fazer uma análise sobre a recepção de estudantes de comunicação. Geralmente, a análise está focada no discurso usado, sendo deixado em segundo plano o pensamento daqueles que são os futuros profissionais. Não encontrei, ao longo da minha pesquisa, nenhum trabalho que citasse diretamente a questão da recepção dos futuros jornalistas ou estudantes de comunicação. Acredito na importância de ter esse olhar mais atento sobre como a questão da objetividade chega naqueles que estudam jornalismo e comunicação, bem como de que maneira a diferença cultural pode ou não afetar no entendimento do conceito de objetividade jornalística.

A pesquisa tem caráter exploratório, a fim de proporcionar mais informações sobre o assunto. Para Freitas Prodanov (2013, p. 69-71), a pesquisa exploratória geralmente envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

As entrevistas foram realizadas com estudantes de seis universidades portuguesas: Universidade do Porto, Universidade de Lisboa, Universidade Fernando Pessoa, Universidade do Minho, Universidade de Coimbra e Universidade de Algarve. Buscou-se abranger universidades de diferentes regiões portuguesas, a fim de ter uma visão ampla para a pesquisa. Para alcançar a saturação das respostas, fiz o uso da amostra em bola de neve, ou *Snowball*, técnica que utiliza uma rede de referências, na qual os indivíduos entrevistados podem indicar novos participantes da sua própria rede de amigos ou conhecidos. Optei por trabalhar com universidades que aceitam o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) como forma de ingresso. Entre as seis universidades contempladas, quatro delas estão entre as sete universidades mais conceituadas de Portugal, de acordo com o ranking Quacquarelli Symonds

(QS). A escolha da Universidade do Porto também se deu pela minha experiência na mobilidade acadêmica realizada em 2020, e, conseqüentemente, por ter sido a universidade que me instigou primeiramente a essas percepções e questionamentos.

A entrevista em profundidade, de acordo com Duarte (2005), é um recurso que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte selecionada. A ideia nesta pesquisa, assim como Duarte descreve, é apresentar cada pergunta de forma mais ampla possível, para que os entrevistados se sintam à vontade e tragam as suas percepções amplas sobre objetividade, mas tendo um "caminho" a seguir, para não fugir muito do assunto ou para não ser uma entrevista que não tem resultados suficientes para analisar e compreender a questão em profundidade.

Foi realizada também uma pesquisa documental, através dos manuais de redação de quatro jornais de referência do Brasil e quatro jornais de referência de Portugal. Para entender e comparar esse universo, optei por jornais impressos e online que tenham grande audiência no seu respectivo país, bem como relevância para a população. Dos jornais brasileiros, foram selecionados *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo* e *O Globo*, além do jornal regional *Grupo Zero Hora*, por ser referência no estado em que nasci e realizado essa pesquisa. Em Portugal, a análise será feita com os jornais *Público*, *Jornal Expresso*, *Diário de Notícias* e *O Jornal Económico*.

O trabalho está dividido em três capítulos principais, além da introdução. O primeiro capítulo teórico apresenta uma discussão sobre o valor de objetividade, sendo dividido entre dois subcapítulos, um que discute os conceitos sobre objetividade jornalística ao longo dos anos, e outro que aborda os conceitos de subjetividade e intersubjetividade. No capítulo seguinte há uma abordagem da objetividade através dos manuais de redação de jornais de referência do Brasil e de Portugal. Em seguida, temos o capítulo de análise, que apresenta o corpus, o método utilizado e as percepções compreendidas a partir das entrevistas em profundidade à luz da fundamentação teórica. O trabalho encerra com as considerações finais e as últimas análises a respeito dos objetos específicos.

2. OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA

2.1 Objetividade: um conceito em mutação

O jornalismo, assim como outras profissões, é acompanhado de uma série de características que lhe são atribuídas pelo público e também pelos próprios profissionais. É esperado, por exemplo, que o jornalismo seja fiel à realidade, sem distorções, abrangendo o maior número de concepções diferentes e contribuindo desta forma para a manutenção do sistema democrático. Deposita-se grande confiança na capacidade do jornalista de abordar amplamente a sociedade, hierarquizar as informações e apresentar esses “resultados” ao público.

As notícias são de grande importância para o processo de construção social da realidade, e isso faz com que os jornalistas se questionem constantemente sobre a função e a principal finalidade do jornalismo. Dentro desse universo de responsabilidades que estão atreladas à profissão, existe a forte ideia de que um jornalismo de qualidade é um jornalismo objetivo. Mas como essa questão surgiu e qual seria o conceito de objetividade?

O interesse filosófico nesse assunto não é novo, e o conceito de objetividade é resultado dessas tentativas da filosofia em compreender o processo científico (CUPANI, 1989, p. 19). Foi na idade Moderna que se intensificou a atenção com a objetividade, principalmente com o positivismo de Comte, com a consolidação dessa noção tradicional de uma objetividade que respeita os fatos, entendidos como ocorrências da observação sistemática. (CUPANI, 1989, p. 20). O entendimento de objetividade no sentido filosófico e no que diz respeito ao sentido subjetivo, procura ver o objeto como ele é, não levando em conta as preferências ou interesses de quem o considera, ou seja, é um ideal de que a pesquisa científica se aproxima à medida que dispõe de técnicas convenientes (ABBAGNANO, 2007, p. 721).

Como consequência, dentro do jornalismo a ideia de objetividade também está ligada historicamente ao positivismo e à valorização da racionalidade. Por um tempo, acreditou-se que com esse valor seria possível alcançar jornalisticamente a "verdade". De acordo com Nelson Traquina (2004), foi durante o século XIX — juntamente com o desenvolvimento da imprensa e com o crescimento da publicidade — que os jornalistas passaram a ter uma preocupação maior com a difusão de informações. Os jornais passam a se preocupar e tentar reproduzir os acontecimentos de maneira imparcial e equilibrada. O surgimento da publicidade, das relações públicas e o pessimismo com o regime democrático também foram fatores determinantes para essa busca por um método jornalístico de maior rigor. A ideia de

objetividade passa a ser seguida e exigida pelos noticiários, e carrega consigo a ideia de possibilidade de separação entre fatos e valores, como se ambos fossem completamente segregados.

Ao mesmo tempo em que ocorria a profissionalização dos trabalhadores, o surgimento do repórter como função específica e a separação de opiniões e notícias, também cresciam as dúvidas em relação à veracidade do que era apresentado pelos jornalistas. Mas foi também esse desenvolvimento da publicidade que possibilitou o aumento de receitas da imprensa e novas formas de financiamento, fazendo com que a imprensa conquistasse "maior independência em relação aos partidos políticos — principal fonte de receita dos jornais ainda no início do século XIX" (TRAQUINA, 2004, p. 36). É nesse contexto que a questão da objetividade relacionada à profissão começa a ser buscada e difundida.

“A objetividade, ou uma outra designação de uma noção de equilíbrio (*balance*), está associada pela esmagadora maioria dos cidadãos ao papel do jornalista, e é consagrada nas leis que estabelecem as balizas do comportamento dos profissionais, em particular os que trabalham nas empresas de comunicação social do setor público. Está presente, pelo menos de uma forma implícita, se não explicitamente (...) em diversas narrativas que ocupam um papel central na cultura profissional.” (TRAQUINA, 2004, p. 143)

Para Mário Mesquita (2003), o conceito não surge de uma reflexão profunda sobre o fazer jornalístico, mas é resultado de uma estratégia comercial que se deu por conta do crescimento e das transformações sociais e econômicas. Na "fase industrial da imprensa" (MESQUITA, 2003, p. 207) os jornais estavam preocupados em abranger o público e, para isso, era preciso se dirigir a todos e não a um grupo ideológico específico.

Gaye Tuchman (1999) sugere que a objetividade é compreendida pelos jornalistas como uma espécie de ritual estratégico para proteger os mesmos de possíveis riscos que resultam da profissão como, por exemplo, um processo difamatório. Tuchman analisa três fatores que fazem parte da relação do jornalista com a objetividade: a forma, o conteúdo e as relações interorganizacionais. A autora faz uma comparação entre os conceitos de objetividade no jornalismo e nas ciências sociais, com o intuito de mostrar a diferença que há entre os dois. Isso porque o jornalista, diferentemente do cientista social, em grande parte da sua rotina luta contra o prazo de entrega, não restando tempo suficiente para análise e reflexão epistemológica.

"Em suma, cada notícia acarreta perigos para o corpo redatorial e para a organização jornalística. Cada notícia afeta potencialmente a capacidade dos jornalistas no cumprimento das suas tarefas diárias, afeta a sua reputação perante os seus superiores, e tem influência nos lucros da organização. Dado que o jornal é composto de muitas notícias, estes perigos são múltiplos e onipresentes" (TUCHMAN, Gaye, 1999 p. 78).

E como os jornalistas lutam contra essas pressões? Tuchman argumenta que através de técnicas e métodos de busca pela objetividade na construção da notícia. Para alguns jornalistas, se os repórteres reunirem e estruturarem os fatos de um modo descomprometido, imparcial e impessoal, “os prazos serão respeitados e os processos de difamação evitados” (Tuchman, 1999, p. 78).

Para chegar a essa objetividade, os jornalistas apresentam possibilidades conflituais, provas auxiliares, trazem as aspas como forma de "desaparecerem" da notícia e estruturam as informações numa sequência entendida por eles como apropriada. Mas de acordo com Tuchman, considerar essas "táticas" como fomentadoras da objetividade é problemático, pois na verdade as mesmas:

1) constituem um convite à percepção seletiva, 2) insistem erradamente na idéia de que os fatos falam por si, 3) são um instrumento de descrédito e um meio do jornalista fazer passar a sua opinião, 4) são limitados pela política editorial de uma determinada organização jornalística, e 5) iludem o leitor ao sugerir que a análise é convincente, ponderada ou definitiva. Em suma, existe uma clara discrepância entre os objetivos procurados e os alcançados. (TUCHMAN, Gaye, 1999, p. 89)

De acordo com Jorge Pedro Sousa (1999, n.p), desde 1950 com a Teoria do Gatekeeper se estuda o papel do jornalista enquanto indivíduo na composição das reportagens. A teoria foi aplicada ao jornalismo por David Manning White (1950) e traz como base a ideia de que o processo de produção de informações passa por diferentes "portões" até a sua publicação. Esses portões seriam controlados e influenciados pelos valores e pelas experiências do gatekeeper, ou seja, do próprio jornalista.

Sousa também considera a hipótese de que "a evolução sociocultural e profissional" somada à formação tenha como consequência a substituição do ideal de objetividade por "honestidade, rigor, precisão, contrastação e equilíbrio" (SOUSA, 1999, n.p), mas que ainda assim os procedimentos realizados são de "objetivação". O autor dialoga com Tuchman na crítica em relação ao uso de aspas e ao uso de citações de autoridades como justificativa de um trabalho objetivo. Para Sousa, esse mecanismo permite que os atores sociais representados nas notícias ditem a sua forma, "pois serão as afirmações desses atores a fabricar a história (a representação) do que aconteceu" (SOUSA, 1999, n.p).

Ainda segundo o autor, os estudos mais recentes indicam que há outros fatores que influenciam na construção das notícias, como o ambiente de trabalho, os *deadlines*, as políticas organizacionais e as características sociais e culturais: “se as notícias são dissonantes da realidade, isso acontece menos ou tanto devido às pessoas que processam as notícias e mais ou tanto a factores que, de certa forma, escapam ao controle dessas pessoas, como as

organizações, o meio social e comunitário e as culturas e ideologias em que os jornalistas trabalham” (SOUSA, 1999, n.p). Aqui Sousa também conversa com Tuchman (1999) em relação à rotina dos jornalistas e sobre o pouco tempo disponível para tomar "decisões imediatas relativamente à validade, fiabilidade e verdade" (TUCHMAN, 1999, p. 76).

Para Sousa, os meios de comunicação, de certa forma, moldam "o nosso horizonte de conhecimento sobre um determinado número de realidades, especialmente de realidades atuais" (SOUSA, 1999, n.p). O autor exemplifica que um observador a par dos acontecimentos relatados pela mídia tem condições de integrar e extrair informações de diferentes meios noticiosos, mas que para grande parte dos consumidores e leitores, apenas um fragmento da realidade é apresentado. O autor salienta que o consumo midiático é desigual, bem como o acesso a eles, portanto acontece muito dos leitores se depararem com a repetição de informações mesmo quando analisam diferentes meios midiáticos, em boa parte por conta desses rituais estratégicos de objetividade que levam a um jornalismo de citações.

Hohlfeldt (2008) em sua pesquisa sobre os principais critérios e valores jornalísticos citados por veículos de comunicação e pesquisadores da área, entre 1969 e 1999, observou que a objetividade era o valor mais mencionado dentre os demais nos livros de comunicação. Na análise feita pelo autor, em um universo de 21 livros, foram encontradas 12 menções ao valor de objetividade, seguido de clareza, com 10 menções e exatidão com 9 menções. Hohlfeldt observa também a grande frequência com que a objetividade é citada nos manuais de redação, como iremos observar melhor no próximo capítulo. O autor afirma que o valor de objetividade está sempre presente no horizonte do discurso jornalístico contemporâneo, quer de seus estudiosos e teóricos, quer de seus praticantes (HOHLFELDT, 2008, p. 6).

Teria então a objetividade o mesmo conceito e significado para todos esses autores? Já é de se adivinhar que não. Assim como novos conceitos surgem na comunicação e no jornalismo, o conceito de objetividade também está em constante mutação. Hohlfeldt reitera, por exemplo, a instantaneidade como uma nova categoria do jornalismo, cada vez mais importante para compreender como a prática da profissão é realizada. Os estudos de *newsmaking* trazem a questão da acessibilidade do acontecimento e a dificuldade cada vez maior dos jornalistas estarem presentes no momento do fato.

"Quando se cria, de certo modo, um ciclo informativo que depende da facilidade/dificuldade de acesso do profissional à área do acontecimento, a disponibilidade de instrumentos técnicos ou tecnológicos capazes de permitir a transmissão da informação e, enfim, mas não menos importante, o tempo necessário para que todas essas operações se concretizem." (HOHLFELDT, 2008, p. 3).

Hohlfeldt traz a concepção de Elcias Lustosa (1996), que afirma que a objetividade não é sinônimo de imparcialidade, e essa de fato nunca ocorreu dentro do jornalismo, embora muitos jornalistas tenham pregado a busca pela escrita imparcial. A imparcialidade seria apenas uma retórica que preserva o discurso e os interesses dos veículos de comunicação. Já a objetividade, para Lustosa, se desloca do conteúdo para a forma, ou seja, não é que a notícia seja objetiva, mas a forma como ela é feita pode ser o mais próximo possível da realidade.

O autor conclui que a objetividade como grande categoria se transforma em um mito do ensino jornalístico. O seu estudo, segundo o próprio autor, mostra a ambiguidade da objetividade e sua crescente desvalorização científica. "Chama a atenção, de um lado, sua incidência nas obras e nos depoimentos, em especial de jornalistas profissionais. De outro, o crescente questionamento que os novos manuais, pedagógicos ou de redação, apresentam sobre tal categoria" (HOHLFELDT, 2008, p. 13).

A autora Liriam Sponholz (2009) também reconhece os estudos de Tuchman como de grande contribuição para compreender a realização do fazer jornalístico, mas para ela as questões levantadas pela autora não oferecem uma resposta satisfatória para o que é a objetividade. No jornalismo, de acordo com Sponholz, muitas vezes o conceito é compreendido como uma reunião de outros princípios, como o equilíbrio, a transparência das fontes, a veracidade, a precisão, a imparcialidade e o foco em fatos. Outras vezes é colocada como uma tentativa dos jornalistas de não serem tendenciosos. Para ela, o jornalismo se diferencia das demais atividades midiáticas por ter a pretensão de ser um "mediador entre o público e a realidade" (Sponholz, 2009 p. 18). Sponholz traz a proposta de Bentele (1988) que afirma que a objetividade no jornalismo é a relação entre realidade midiática e social. A objetividade jornalística refere-se então à produção dessa correlação, buscando uma semelhança estrutural entre essas duas realidades.

Para a autora, uma das grandes confusões é a ideia de que fato é sinônimo de realidade e que fala por si só, pois esse entendimento traz uma série de consequências sobre essa relação do jornalismo com a realidade. Mas afinal o que seriam fatos? De acordo com Sponholz (2009), os fatos podem ser definidos ou como informações cruas ou como declarações descritivas. Essa segunda viria do jornalismo. Sponholz traz que a palavra-chave da objetividade, quando o princípio tem a ver com a aproximação da realidade, é investigação (SPONHOLZ, 2009, p. 21). A argumentação também é uma aliada dos jornalistas para buscar proximidade com a realidade: "certas declarações só são passíveis de refutação através da argumentação. Quando falamos, por exemplo, que "José é um ótimo professor", essa

afirmação não é verificável, mas pode ser submetida à argumentação (SPONHOLZ, 2009, 22)”.

Não podemos afirmar ou partir do pressuposto que todas as declarações são igualmente verdadeiras, pois isso não é real. A realidade midiática não é igual à realidade primária, mas sim uma representação desta (SPONHOLZ, 2009, p. 41). Elas até podem se correlacionar, mas não podem ser encaradas como sinônimos. “A função do jornalista não seria mais conhecer a realidade, mas sim fornecer uma interpretação conveniente da realidade. Sua medida não é mais a verdade, mas sim se esta interpretação pode ser útil para as pessoas (SCHONHAGEN, 1998, p. 250 apud SPONHOLZ, 2009, p. 40).” Darnton (2010, p.45) afirma que, por ter aprendido a produzir notícias, desconfia dos jornais como fonte de informação, e afirma que estes devem ser entendidos como informações a respeito de como os acontecimentos eram interpretados pelas pessoas da época e não exatamente como foram os acontecimentos em si.

Sponholz discute também alguns conceitos que muitas vezes são aceitos e compreendidos como sinônimo de objetividade, e argumenta sobre a problemática disso. Em relação à relevância, por exemplo, a autora explica que um texto ser objetivo não tem a ver com ser relevante. Na verdade, a relevância e a objetividade são independentes entre si, e o que é importante “não deve ser confundido com o que é real” (SPONHOLZ, 2009, p. 27). Outro conceito muito confundido com o de objetividade é a ideia de imparcialidade ou *fairness*. Sponholz discute que ouvir os dois lados de um mesmo acontecimento não é garantia de que o jornalista conseguiu se aproximar da realidade. As declarações descritivas também podem ser feitas e não serem verdadeiras. Por fim, a autora conclui que a objetividade refere-se ao trabalho de mediar informações adequadas à realidade.

Mauro Wolf, em *Teorias da Comunicação* (2003, p. 183), assim como Sousa (1999), reflete sobre os estudos dos *newsmaking*⁷. De acordo com o autor, na teoria dos *gatekeepers*, o conteúdo jornalístico era associado à seleção de notícias, ao contrário dos estudos recentes sobre a produção atual de notícias — *newsmaking* —, que relacionam a imagem da realidade social com a organização e a produção rotineira dos veículos de comunicação. Wolf traz então a ideia de “distorção involuntária” que ocorre na construção das notícias justamente devido ao modo como está organizada, institucionalizada e é desempenhada a profissão de jornalista” (WOLF, 2003, p. 183). Para ele, nos estudos de mass media, é preciso entender mais do que

⁷ “A abordagem do *newsmaking* articula-se, principalmente, dentro de dois limites: a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos.” em WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 7 ed. Lisboa: Presença, 2002.

as representações e o imaginário coletivo, mas também compreender através de quais restrições e limitações toda essa dinâmica acontece. Mais uma vez a questão da rotina aparece como uma questão fundamental para se pensar no resultado do trabalho realizado nos veículos jornalísticos. E se nos anos 80 já existia a preocupação com a simultaneidade dos acontecimentos e com a complexidade de fornecer relatos, o desafio de informar nos tempos atuais — com a ascensão da internet e das redes sociais — se tornou ainda maior.

Carla Martins traz que o ideal de objetividade está presente no mundo jornalístico desde o jornalismo informativo em meados do século XIX, e esse foi interiorizado pelos profissionais "em ascensão como garante da independência, isenção e exactidão do trabalho jornalístico" (MARTINS, 2005, p. 144). A objetividade, porém, ao longo dos anos, foi criticada sucessivamente e, segundo a autora, hoje apresenta um novo conceito.

"A evolução do conceito de objectividade é paralelo à do próprio jornalismo. Ao lado da independência, da imparcialidade e do rigor, a objectividade poderá legitimamente ser associada ao trabalho criativo e responsável do jornalista, profissional adicionalmente capaz de oferecer uma perspectiva crítica da realidade sedimentada no seu conhecimento aprofundado das matérias que trata." (Martins, 2005, p. 153)

Leandro Brixius (2006), em sua tese de doutorado, afirma que é um erro enxergar a objetividade como a negação da subjetividade, isso porque a objetividade "surge justamente do reconhecimento de que a subjetividade é inevitável" (BRIXIUS, 2006, p. 20). A objetividade nas notícias é construída, então é preciso entender também que além da interferência subjetiva, haverá interferência sociocultural nesse processo.

Em um mundo onde os fatos não falam por si só, mas são resultados de construção, consciente e inconsciente, é preciso desenvolver métodos de trabalho a fim de dar condições à prática profissional dos jornalistas, assegurando o distanciamento na cobertura. Poderíamos afirmar, ainda, que a objetividade sustenta um status de profissionalismo ao jornalismo, cobrindo com "técnicas" a rotina de produção de notícias (BRIXIUS, 2006, p. 20).

O autor critica a definição de objetividade como busca por equilíbrio. Para Brixius, nem sempre o equilíbrio de uma matéria é sinônimo de proximidade com os fatos. O autor dialoga com Kovach e Rosenstiel (2003) nesse aspecto, que afirmam que se as partes abordadas não possuem o mesmo peso, a proximidade com a verdade não é alcançada. "O aquecimento global é um facto? A maioria dos cientistas defendeu durante anos que era, mas a cobertura da imprensa continuou a dar o mesmo peso a ambas as facções, muito depois de encerrado o debate científico. E nos inúmeros casos em que estão envolvidas mais de duas partes, como se determina o destaque a atribuir a cada uma?" (KOVACH E ROSENSTIEL, 2003, p. 47).

Para Kovach e Rosenstiel (2003, p. 40) as teorias do jornalismo são deixadas muitas vezes para os acadêmicos e, historicamente, a própria formação como jornalista não era vista como necessária para atuar profissionalmente. Para os autores, é importante a defesa da objetividade e das técnicas e métodos na construção da escrita, pois é preciso apurar os fatos e dar-lhes sentido para que a população tome suas próprias decisões a partir do que foi informado. Segundo os autores, um jornalismo baseado apenas na exatidão pode levar à distorção, mas isso não quer dizer que “a exatidão não seja importante”. Pelo contrário, é o alicerce que serve de base a tudo: contexto, interpretação, debate e toda a comunicação pública. Se o alicerce não for sólido, tudo ruirá.” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003, p.43)

Em sua pesquisa, Marília Gehrke (2017) afirma que, para se manter credível e gerar conhecimento social, o jornalismo como profissão precisa ter uma direção e um método de trabalho em direção à ciência. A autora defende a classificação da objetividade como método e não como característica. Apesar da realidade observada pelos jornalistas ser fragmentada, "são esses fragmentos da realidade que permitem ao jornalista comunicar um relato e ao leitor confiar no que é veiculado pela imprensa. Na medida em que esse processo é desconsiderado e que críticos ignoram a possibilidade de apreensão de uma realidade observável e de uma verdade verificável, o jornalismo perde importantes parâmetros de sua razão de ser" (GEHRKE, 2017, p.3).

Sylvia Moretzsohn (2000) apresenta uma reflexão crítica acerca da objetividade, considerando esse valor e o "profissionalismo" como formas de reagir aos interesses comerciais que se impõem atualmente através dos veículos de comunicação. Para a autora, o perfil do profissional está em constante mudança, e a defesa da objetividade e do “profissionalismo” se torna pouco eficaz, na medida em que a notícia está cada vez mais assumida como mercadoria e encobre as relações de poder e justifica a manipulação sutil (p. 7). Moretzsohn afirma que a perspectiva dos “rituais estratégicos”, como definiria Tuchman, esquece a importância política do jornalismo e acaba num círculo vicioso da análise formalista. Para ela, as empresas jornalísticas são defensoras de uma objetividade que esconde o trabalho de produção de sentido da notícia e reduz a importância e a possibilidade transformadora que deveria ser a principal busca do jornalismo.

Barsotti (2021, p.6) reflete sobre a objetividade na contemporaneidade e inicia a reflexão trazendo duas tradições do jornalismo que se opuseram à objetividade a partir da década de 60: a tradição literária, que valorizou a percepção do repórter, e o jornalismo investigativo. Para Barsotti, o valor persiste na cultura profissional, mas agora como método. Entretanto, questiona-se se este valor seria suficiente nos dias de hoje para aprofundar alguns

debates e ultrapassar a desinformação, a desigualdade na distribuição das informações e os algoritmos, que personalizam as informações que chegam às pessoas de acordo com os interesses que cada uma demonstra nas suas redes sociais. "Nada menos que 51% da população mundial se informa pelas redes sociais e pelo Google. Somente 28% dos leitores vão diretamente aos sites das organizações jornalísticas" (Digital News Report, 2020) (BARSOTTI, 2021, p. 7). Para a autora, é preciso que o jornalismo profissional encontre uma saída para o impasse da profissão sobre a objetividade, e que as mídias reencontrem-se com o seu público.

2.2 Subjetividade e intersubjetividade

Como descrito anteriormente, o valor da objetividade ideal foi predominante no positivismo. E com a evolução do paradigma ideológico — marca da sociedade ocidental contemporânea — é a subjetividade que passa a ganhar espaço e ser discutida pelos teóricos e jornalistas. Walter Lippman (1999) no seu livro *Opinião Pública*, já trazia a questão da objetividade e da subjetividade dentro do jornalismo. De acordo com o autor, as nossas opiniões cobrem um número muito maior de coisas que podemos diretamente observar (p.85), e são formadas por conjuntos de coisas que nos relatam e coisas que já temos disponíveis na nossa imaginação. "Um relato é um produto conjunto do conhecedor e do conhecido, no qual o papel do observador é sempre seletivo e usualmente criativo. Os fatos que vemos dependem de onde estamos posicionados e dos hábitos de nossos olhos." (LIPPMANN, 1999, p. 84) O relato de um evento nada mais é do que a sua transfiguração.

Cremilda Medina afirma que na concepção positivista não seria possível “dar à lógica científica um caráter universal por meio de concepções puramente abstratas” (MEDINA, 2008, p. 17)”. No positivismo, a ideia de ordem e progresso deveria guiar todas as instituições. Para Medina, quando se observa o fazer jornalístico, se percebe algumas características presentes vindas do pensamento positivista, com a fuga das abstrações e a ênfase na utilidade pública dos serviços informativos. Segundo a autora, entretanto, em alguns momentos até o profissional de jornalismo mais experiente é posto em algumas situações em que se faz necessário o silêncio subjetivo e a intuição criadora.

Sponholz (2009) considera que a separação absoluta entre subjetividade e objetividade é impossível e indesejável. Os dois conceitos não devem ser vistos como antônimos, mas como uma “condição para se alcançar a objetividade” (BENTELE, 1982, p. 131 apud SPONHOLZ, 2009, p. 28). Em seu trabalho, Motta (2005) busca compreender como as

narrativas são utilizadas como estratégias organizadoras do discurso jornalístico. O autor afirma que os jornalistas, assim como produtores de TV e publicitários, sabem que as pessoas vivem suas histórias narrativamente e constroem temporalmente suas experiências. “O discurso narrativo literário, histórico, jornalístico, científico, jurídico, publicitário e outros participam dos jogos de linguagem, todos realizam ações e performances sócio-culturais, não são só relatos representativos.”(MOTTA, 2005, p.3)

As notícias geralmente são fragmentos dos acontecimentos e, para conectar as partes e dar sentido às informações, os jornalistas recompõem e observam a recorrência do tema para reconstituir de forma coerente a narrativa jornalística. É nesse processo de “reconfigurar” os fragmentos de maneira coerente que é possível observar a interpretação reflexiva do próprio jornalista no processo. Historicamente, o jornalista é um narrador “discreto”, segundo o autor. Ele irá utilizar de uma linguagem para tentar camuflar a mediação. As citações frequentes, também comentadas por Sousa (1999) e Tuchman (1999), encobrem a subjetividade, pois o leitor deduz que foi exatamente aquilo que a fonte disse e quis destacar. Mas para Motta, nenhuma narrativa é ingênua:

Há também uma infinidade de recursos e de figuras utilizadas na linguagem jornalística que remetem o leitor à interpretações subjetivas. A linguagem jornalística é por natureza dramática e a sua retórica é tão ampla e rica quanto a literária. Observe os títulos do jornal ou as chamadas do telejornal de hoje para comprovar essa afirmação. Intencionalmente ou não, geram nos leitores inúmeros efeitos de sentido emocionais. Recursos linguísticos e extra linguísticos remetem os receptores a estados de espírito catárticos: surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia, etc. Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias humanas. (MOTTA, 2005, p. 11)

Segundo Barbero (1995, p. 64), um gênero discursivo é também uma estratégia de leitura e, por essa razão, devemos considerar a recepção não só como uma etapa do processo comunicativo, mas como um novo lugar para se repensar o processo da comunicação. O receptor então não teria apenas como função a reação aos estímulos do emissor, mas também se apresentaria como sujeito na produção de sentido. E é desse processo que surge a intersubjetividade.

Eduardo Meditsch (2001) se propõe a compreender qual a fisiologia do jornalismo e traz como centro da sua discussão o conceito de intersubjetividade. Na visão da subjetividade como “guia”, toda verdade representa uma intenção por trás e isso não supera o reducionismo da crença na objetividade, apenas substitui um por outro. O autor afirma que "o paradigma ideológico tem dificuldade para explicar como, apesar de tudo, o conhecimento reflete de alguma forma a realidade objetiva ao mesmo tempo que a refrata pela ideologia"

(MEDITSCH, 2001, p. 5). No conceito de intersubjetividade, a objetividade e a subjetividade trabalham em conjunto num discurso.

"A atividade do sujeito prático se nos apresenta nessa dupla vertente: por um lado, é subjetiva enquanto atividade de sua consciência, mas, num sentido mais restrito, é um projeto objetivo na medida em que os atos e operações que executa sobre uma determinada matéria existente independente de sua consciência, de seus atos psíquicos, podem ser comprovados inclusive objetivamente por outros sujeitos. (...) A atividade prática desenvolvida por um indivíduo é, por isso, simultaneamente subjetiva e objetiva, dependente e independente de sua consciência, ideal e material". (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1967:241-2 apud MEDITSCH 2001, p. 6)

Essa questão leva o autor ao questionamento sobre a relação da informação jornalística com a realidade: "qual é o grau de verdade (na acepção clássica do termo, que se refere à adequação com a realidade objetiva) que este discurso comporta?" (MEDITSCH, 2001, p. 2). Ao se considerar a intersubjetividade, a aferição de verdade do conhecimento se desloca do valor de objetividade ideal e de subjetividade, colocando-se na prática que contém ambas e é compreendida interpessoalmente nas interações públicas.

Meditsch (2001, p. 3) alega que nas sociedades ocidentais há uma concepção já estabelecida do que é real e do que é verdadeiro, e que ambas são reconhecidas "através da evidência dos fatos que a compõem". De acordo com essa concepção, os fatos são verificáveis e, quando verificados, não abrem espaço para discussões. É essa ideia que guia e inspira o ideal de objetividade tão buscado por alguns jornalistas. E qual seria a consequência desse princípio da realidade que é orientado pela submissão aos fatos? Para Meditsch, isso gera a aceitação da fatalidade dos mesmos, mas que o que é objetivo por definição se situa fora do sujeito, e a verdade e a realidade passam a ser a mesma coisa. "Se os fatos são a realidade, resta descrevê-los de maneira objetiva, anulando toda a intervenção do sujeito no resultado de sua descrição" (MEDITSCH, 2001, p. 4).

Assim como Sponholz (2009), o autor considera importante entender a teoria e o papel da argumentação dentro desse processo. Para ele, a intersubjetividade embasa a teoria da argumentação e supera as dimensões subjetivas e objetivas. "Na teoria da argumentação, a intersubjetividade substitui a objetividade (no segundo sentido exposto - o formal, que sustenta a objetividade científica e a objetividade jornalística) como valor de aferição de verdade. A intersubjetividade é o parâmetro lógico que estabelece e ao mesmo tempo limita a relatividade de todo o conhecimento" (MEDITSCH, 2001, p. 8). O autor conclui que o paradigma da intersubjetividade permite chegar mais próximo do jornalismo como uma forma de conhecimento.

Kovach e Rosenstiel (2003) observam que a objetividade se desenvolveu precisamente para que os preconceitos pessoais e culturais não afetassem o rigor do trabalho (KOVACH,

ROSENSTIEL, 2003, p. 75). “Numa altura em que Freud desenvolvia as suas teorias inconscientes e pintores como Picasso faziam experiências com o cubismo, os jornalistas estavam também a desenvolver um maior reconhecimento da subjetividade humana” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003, p. 76). Walter Lippmann (1992) entende que o jornalista está consciente dos seus estereótipos, portanto cabe a ele adotar uma atitude crítica e reflexiva em relação às próprias opiniões.

Para Sousa, a I e a II Guerra Mundial fizeram com que o jornalismo ocidental se inclinasse para a descrição mais generalista, separando os fatos e os comentários, até meados dos anos 60, com o *Novo Jornalismo*⁸, que retoma a investigação em profundidade e favorece a subjetividade. “Nos anos sessenta, a corrente que ficou conhecida por “novo jornalismo” terá, por seu turno, contribuído para colocar a perspectiva do jornalista, necessariamente subjetiva e impressiva, no centro da enunciação noticiosa” (Sousa, 1999, n.p).

Carla Martins (2005) também rejeita a separação entre objetividade e subjetividade, e entende que o elemento subjetivo de um jornalista sempre estará presente em suas produções, por mais objetivo que ele queira ser. Essa questão, como afirma a autora, pode ser explícita ou implícita tanto nos veículos de comunicação e nos profissionais quanto no imaginário popular sobre as funções que o jornalismo deve exercer (MARTINS, 2005, p. 145).

A partir dos anos 50, a profundidade e o caráter interpretativo passam a ser valorizados pelos jornalistas. Os jornalistas passam então a relatar e comentar as informações, mas de forma que seja percebida pelos leitores. “Ao utilizar equilibradamente o relato e o comentário, o jornalismo interpretativo coloca estes dois géneros básicos numa nova perspectiva, favorecendo a prática de situar os factos num contexto, num *background* significativo, fortemente ancorado na documentação (SUÁREZ e CARRO, 2000, 18 apud MARTINS, 2005, p. 150)”.

O caráter interpretativo do jornalismo ganha força. Para Martins (2005), o olhar subjetivo do jornalista está presente na interpretação, e o conceito de objetividade evoluiu no seu sentido de profundidade. Além disso, com a filosofia e com os estudos sociológicos, surge a noção de que o olhar de um sujeito está sempre “contaminado” pela realidade que ele busca objetivar, e essa realidade envolve tradições, valores e heranças históricas e culturais. A autora conclui que ser objetivo não significa se despir da subjetividade, mas pode ser um “guia” para a prática do jornalismo. Como afirmam Benetti e Lisboa (2005, p. 14), uma

⁸ Movimento de retomada da subjetividade assumida e da investigação em profundidade. Nasceu em meados dos anos 60 e foi apresentado por Tom Wolfe no seu livro *The New Journalism* (1975).

informação é objetiva quando ela se refere aos dados da realidade. As autoras sublinham que não há como o jornalismo fugir das interpretações, já que os fatos são mediados por tal.

O valor de objetividade jornalística, portanto, faz parte das discussões teóricas e práticas do jornalismo. Compreende-se atualmente que esse conceito se modificou ao longo dos anos, conforme as mudanças sociais, culturais e políticas da sociedade. A objetividade como método cumpre um papel importante para a percepção da credibilidade por parte dos leitores, além de se aproximar da verdade através de técnicas e estratégias, como a apuração de fatos, a interpretação e a contextualização. É nesse processo que o jornalismo constrói parâmetros importantes para ser considerado fonte de informação credível e se diferenciar do que não é jornalismo, como as notícias falsas. A subjetividade nesse contexto faz parte da construção do valor de objetividade, sendo inseparável como um todo do trabalho jornalístico que incorpora as concepções culturais e as interpretações dos jornalistas. Entretanto, essa subjetividade, quando guiada por valores éticos e técnicas jornalísticas, não prejudica a credibilidade e a aproximação com a realidade, mas auxilia na construção do jornalismo como conhecimento.

3. OBJETIVIDADE NOS MANUAIS DE REDAÇÃO DE JORNAIS DE REFERÊNCIA BRASILEIROS E PORTUGUESES

O capítulo em questão aborda como o valor de objetividade surge historicamente no jornalismo, bem como as estratégias que foram adotadas pelos veículos de comunicação para consolidar valores e critérios fundamentais da profissão, através dos manuais de estilo, de redação e princípios editoriais. O primeiro subcapítulo aborda como o valor de objetividade foi fazendo parte da história do jornalismo e como surgiram as primeiras ideias dos manuais de redação. No subcapítulo seguinte, será abordado de forma breve o conceito de jornalismo de referência e os valores e critérios através dos quais *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Zero Hora*, *Estado de São Paulo*, *Expresso*, *Público*, *Diário de Notícias* e *O Jornal Económico* foram escolhidos para serem analisados no trabalho em questão. No terceiro subcapítulo, será discutida e apresentada a questão da objetividade dentro dos jornais selecionados no Brasil, através de seus manuais de estilo, redação e princípios editoriais. No quarto subcapítulo será feita a mesma análise realizada no subcapítulo três, mas dessa vez com os jornais de referência de Portugal. O capítulo se encerra então com um subcapítulo que traz algumas considerações acerca do que foi observado nos manuais do Brasil e de Portugal.

3.1 O valor de objetividade nos manuais de redação de referência

Historicamente, de acordo com Traquina (2004) foi na Guerra Civil norte-americana de 1861 a 1865 que os repórteres passaram a utilizar a descrição de cenários e de testemunhas, além de entrevistar as pessoas para obter mais informações sobre os fatos. As fontes diversificadas passam a ser recorrentes no trabalho jornalístico, e é também no decorrer do século XIX que temos a origem da pirâmide invertida⁹ com o parágrafo de abertura em ênfase, ou seja, o lide jornalístico. Vale lembrar que de acordo com Tuchman (1999), a informação dada de maneira estruturada é um procedimento “destinado a indicar a objectividade” (p. 83), mesmo que pertença à escolha (subjetividade) do próprio jornalista.

"Após duas revoluções em que a questão da liberdade está no centro de convulsões turbulentas, a expansão da imprensa [...] e uma constante luta em prol da liberdade [...] tornou possível o aumento do número de pessoas que se dedicava integralmente à atividade jornalística, que, por sua vez se orientava por novos valores [...] que o novo sistema de governo - a democracia - definia para o poder emergente, o novo designado "Quarto Poder". Os jornalistas inventaram novas formas, novas práticas,

⁹ Técnica de redação jornalística que apresenta as informações em hierarquia decrescente: as mais importantes no início do texto, as mais dispensáveis no final. (Folha de São Paulo, 2018)

novas técnicas, e uma série de valores que contribuíram para uma identidade profissional." (TRAQUINA, 1999, p. 74)

A construção e a evolução do jornalismo como profissão ocorreu de maneiras diferentes ao redor do mundo. Mas em relação à profissionalização, dois objetivos principais eram comuns: maior liberdade e autonomia e um estatuto social que fosse identificado como outras profissões eram. Para Traquina (1999), há uma série de conceitos e crenças partilhados pelos jornalistas, como por exemplo a defesa da democracia, a liberdade no centro do desenvolvimento jornalístico, a autonomia e a associação com a verdade. Em relação à autonomia e à independência, o autor reitera que esses dois princípios são essenciais para garantir outro valor importante da profissão, a credibilidade, que leva a um trabalho constante de verificação e de busca por fontes relevantes de informação.

Por último, Traquina aborda o valor da objetividade como fundamental e parte das discussões jornalísticas, embora, como citado anteriormente, muitas vezes incompreendido. "Como ideologia da objetividade, os jornalistas substituíram a fé simples nos fatos por uma fidelidade às regras e aos procedimentos criados para um mundo no qual até os fatos eram postos em causa (TRAQUINA, 1999, p. 138)". Ainda segundo o autor, é importante perceber que a objetividade ou outro valor ligado à noção de equilíbrio está associado também ao papel que é imposto aos jornalistas, bem como está explícito ou implícito aos códigos deontológicos dos jornalistas nos países democráticos.

Vítor Hugo Anastácio e Cristiane Costa (2018), em seu artigo sobre a chegada do manual de redação à imprensa brasileira, explicam que, por o Brasil ter a Europa como principal referência cultural por anos, os gêneros crônica, artigo e comentário, assim como na França, eram os mais privilegiados na metade inicial do século XX. O que predominava era a fórmula denominada “nariz de cera”, na qual os textos eram escritos de forma pouco objetiva e muito rebuscada.

O modelo de separação entre fato e opinião vem dos Estados Unidos, com a criação da *Penny Press*¹⁰, na década de 1830. Com isso, as notícias passam a ter uma linguagem direcionada para um público vasto, pois procurava-se que um número considerável de pessoas entendesse as notícias com facilidade (SOUSA, 2001, n.p). Surge também o lide como conhecemos, respondendo às informações básicas (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? E por quê?) no formato de pirâmide invertida, que ordena a informação em ordem decrescente

¹⁰ Jornais populares e baratos que surgiram nos anos 30 do século XIX nos Estados Unidos. Primeira geração da imprensa popular.

de relevância. É nesse contexto que nos séculos XIX e XX surgem os primeiros manuais de redação nos Estados Unidos, os *style books*. “As técnicas apresentadas pelos manuais restringiam a linguagem e a estruturação do texto, com o objetivo de eliminar seu caráter subjetivo, tanto emotivo quanto partidário, ao mesmo tempo em que aceleravam sua produção, em ritmo industrial” (COSTA, HUGO, 2018, p. 7).

Marialva Barbosa (2007) afirma que a imagem do jornalista como informante da realidade e atualidade se construiu gradativamente, e o avanço da tecnologia também teve influência nessa questão: "Se o telégrafo torna os acontecimentos visíveis, há que informar fatos que ocorrem próximos ao público. A opinião é, assim, gradativamente separada de uma ideia de informação isenta e, neste processo, os novos artefatos tecnológicos desempenham papel fundamental" (BARBOSA, 2007, p. 24). Quando aborda o passado mítico do jornalismo e os conceitos que caminham junto com a profissão, Barbosa fala sobre a valorização da informação e a separação desta da opinião, que ajuda a construir o ideal de objetividade como aspecto fundamental da profissão (BARBOSA, 2007, p. 81).

Um fato interessante de observar, que Anastácio e Costa (2018) sublinham, é a ligação direta entre a tentativa de separação de opinião e informação com a criação do lide. Em 1926, alguns empresários promoveram o I Congresso Pan-americano de Jornalismo, em Washington, com representantes do Brasil. Foi nesse congresso que a diferenciação entre opinião e notícia passou a ganhar ainda mais força como um valor no jornalismo. Além disso, a presença de autores modernistas e realistas nas redações também ajudou para que o jornalismo caminhasse para textos mais diretos.

Foi com o jornalista Pompeu de Sousa no *Diário Carioca* que os textos objetivos começaram a fazer parte dos periódicos brasileiros. E foi no meio de mudanças que incluem a eliminação de tantos adjetivos na escrita, o uso de abreviaturas e o convite para Pompeu de Sousa ministrar uma disciplina de jornal na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que surge a ideia de “propor uma ampla revisão nos métodos da imprensa” (Anastácio e Costa 2018, p. 11).

“Pompeu de Sousa consolidou em um manual de redação seu aprendizado, que vinha sendo acumulado desde o período em que morou nos Estados Unidos. Decidiu implantá-lo no *Diário Carioca* junto com a criação da função de *copy desk*, responsável por padronizar o texto jornalístico. Fez uma adaptação com o que lhe parecia mais conveniente para a realidade brasileira dentre os diversos manuais aos quais teve acesso, já que cada periódico americano tinha o seu próprio conjunto de regras, para preservar a identidade” (p. 11).

Foi por volta de 1950 que as mudanças e os "padrões indispensáveis ao profissionalismo" começaram a fazer parte dos jornais. De acordo com Barbosa (2007, p.156),

o *Diário Carioca* seria responsável pela disseminação do texto objetivo e do lide, e a *Tribuna da Imprensa* por implantar normas na redação através de manuais a partir de 1949. A consolidação da ideia de busca por neutralidade no discurso foi favorecida pela modernização do jornalismo, e ocorreu na década seguinte.

3.2 Jornalismo de referência

O jornalismo de referência pode ter diferentes significados, mas adotaremos neste trabalho a seguinte definição: jornais consolidados de grande circulação e que tenham funções e normas editoriais consideradas profissionais, bem como jornais que afirmam se basear em princípios éticos do jornalismo.

Em sua tese, Márcia Franz Amaral traz que o jornalismo de referência “fala como um leitor do mundo público” (AMARAL, 2004, p.55), e é legitimado pela própria sociedade como uma atividade que narra os acontecimentos. “Todos os jornais de referência ou não, convivem numa tensão própria do campo, produzida pelos interesses dos jornalistas, dos empresários, das fontes, dos anunciantes e dos leitores” (AMARAL, 2004, p.57). De acordo com a autora, o jornalismo de referência é baseado nas ideias iluministas e, embora o relativismo seja cada vez mais dominante, o discurso no jornalismo ainda tem como fundamento a busca pela verdade ou aproximação com a verdade dos fatos.

A escolha de analisar os princípios editoriais do *Grupo Globo, Folha de São Paulo e Estadão* se dá pela quantidade de leitores e importância atribuída a cada jornal. De acordo com os dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), o jornal *O Globo*, do *Grupo Globo*, juntamente com a *Folha de S. Paulo*, ocuparam a primeira e a segunda posição, respectivamente, de jornais mais lidos de 2021¹¹. O *Estado de São Paulo* ocupa a terceira posição do mesmo ranking. A escolha da *Zero Hora* foi feita por ser o jornal de referência do estado em que este trabalho está sendo realizado. A escolha dos jornais portugueses, *Público*, *Expresso*, *Diário de Notícias* e *O Jornal Económico*, também foi feita considerando a quantidade de leitores e a importância que os jornais selecionados têm no país. Entre a versão impressa e a versão online, os jornais selecionados são os mais lidos de Portugal¹².

3.3 Manuais de Redação brasileiros

¹¹ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/jornais-em-2021-impreso-cai-13-digital-sobe-6/>. Acesso em 26 de julho de 2022.

¹² Disponível em <https://www.apct.pt/analise-simples>. Acesso em 26 de julho de 2022.

Os jornais de referência brasileiros, em sua maioria, apresentam seus manuais ou princípios editoriais de forma online e gratuita, com exceção da *Folha de São Paulo*, que mantém as suas versões impressas. De modo que a visualização do que foi coletado seja facilitada, foi montada a tabela abaixo com os seguintes dados: nome do jornal; formato que apresenta suas práticas ou princípios editoriais, bem como o ano de origem; se cita o valor de objetividade diretamente; se for o caso, quantas vezes esse valor é citado; e por fim, quais outros critérios e valores que são tidos como principais nos jornais de referência.

Quadro 1 Manuais de Redação brasileiros

Jornal	Forma/Ano	Cita objetividade diretamente?	Quantidade de vezes citada	Principais valores e critérios citados
Zero Hora	Práticas Editoriais/ 2017 e Manual de Ética, Redação e Estilo/ 1995	Sim	1	Verdade, pluralidade, imparcialidade e precisão
Grupo O Globo	Princípios Editoriais	Sim	2	Isenção, correção e agilidade
Estado de São Paulo	Manual de Redação e Estilo 1998	Sim	2	Clareza; precisão e simplicidade na escrita
Folha de São Paulo	Manual de Redação 2001 e 2018	Sim	3	Veracidade, pluralidade e precisão

O Manual de Redação e Estilo do jornal *Estado de São Paulo (Estadão)*¹³ foi publicado em 1997, pelo jornalista Eduardo Martins, que trabalhou durante décadas no jornal e lançou a edição em 1990, sendo esta reeditada duas vezes. O site do Estadão disponibiliza de maneira gratuita e online essa última versão do seu manual, de 25 anos atrás.

No subcapítulo denominado “instruções gerais”, a primeira frase já cita a objetividade: “seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso”. Apesar do manual não explicar de forma explícita o que é ser objetivo, podemos perceber que aparece junto e se assemelha à clareza, à precisão e à concisão. O manual ainda segue explicando que é preciso usar frases curtas e evitar ordens inversas desnecessárias, pois o leitor precisa compreender o texto de maneira fácil.

O manual traz também, no mesmo subcapítulo, que a simplicidade é condição essencial do texto jornalístico e que o jornalista deve fugir dos rebuscamentos e dos

¹³ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/manualredacao/gerais>

pedantismos vocabulares. Em seu artigo já citado anteriormente, Hohlfeldt (2008) separa os valores entre aqueles que são referentes ao conteúdo — objetividade, exatidão/precisão, veracidade e imparcialidade — e aqueles que dizem respeito à forma, como a clareza e a simplicidade. De acordo com o autor, essas duas últimas tendem a auxiliar no desempenho das categorias que dizem respeito ao conteúdo. O terceiro valor citado pelo Estadão é a imparcialidade, que de acordo com a análise de Hohlfeldt (2008) está “umbilicalmente ligada” às categorias de objetividade, precisão e exatidão.

A questão da objetividade é retomada na instrução número 20:

"Faça textos imparciais e objetivos. Não exponha opiniões, mas fatos, para que o leitor tire deles as próprias conclusões. Em nenhuma hipótese se admitem textos como: Demonstrando mais uma vez seu caráter volúvel, o deputado Antônio de Almeida mudou novamente de partido. Seja direto: O deputado Antônio de Almeida deixou ontem o PMT e entrou para o PXN. É a terceira vez em um ano que muda de partido. O caráter volúvel do deputado ficará claro pela simples menção do que ocorreu." (MARTINS, 1998, p.16)

Segundo o manual, as opiniões são deixadas para os editoriais, com exceção dos textos assinados e das matérias interpretativas, nas quais os jornalistas devem então apresentar versões diferentes de um mesmo fato ou seguir a notícia de acordo com as linhas de raciocínio definidas com base nos dados fornecidos pelas fontes.

Figura 1 Capa ilustrativa do jornal *Estado de S. Paulo*. 21 de setembro de 2022.



Fonte: Twitter de *O Estado de S. Paulo*

O jornal *O Globo*¹⁴ não possui um manual específico disponibilizado, mas há a junção de princípios editoriais do *Grupo Globo* que servem como base para os veículos que fazem parte do conglomerado. Esses princípios são disponibilizados também de forma online e gratuita, e há um esclarecimento de que esses princípios editoriais não são exatamente um manual de redação, mas um guia para que os veículos da organização *Globo* possam se basear. Os três princípios fundamentais abordados pelo grupo são: isenção, correção e agilidade. De acordo com o documento disponível, a isenção é a palavra-chave do jornalismo da *Globo*, embora assuma que este conceito seja tão problemático quanto a verdade.

Sabe-se que é necessário no jornalismo que a informação não seja enviesada, mas também não é possível a isenção completa. Essa impossibilidade de alcançar a isenção está explícita no referido documento, que diz que é impossível uma pessoa se despir da sua subjetividade e alcançar uma verdade absoluta. Entretanto, o veículo reforça que isso não quer dizer que não se chegue próximo da isenção através de práticas como por exemplo a apuração. Como citado no capítulo anterior, Martins (2005), afirma que a ideia de objetividade, como garantia de isenção e exatidão, foi interiorizada pelos profissionais de jornalismo. Por esse motivo, muitas vezes a isenção e a imparcialidade estão relacionadas ou até mesmo são confundidas com a objetividade.

É interessante observar também que dos manuais e princípios analisados neste trabalho, o da *Globo* aborda que a consolidação da era digital instigou as empresas que fazem jornalismo a expressarem de alguma forma os seus princípios e valores, para assim se diferenciarem de quem não é jornalista. O jornalismo é definido então como uma forma de apreensão da realidade, e a prática jornalística da organização como produtora de conhecimento e informação sobre fatos e pessoas, aprofundadas pelas ciências sociais, especialmente pela história.

Figura 2 Capa ilustrativa do jornal *O Globo*. 21 de setembro de 2022.

¹⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>

abrangência. O manual de 1994 tem a maior parte do seu conteúdo voltada para questões gramaticais de estilo.

Figura 3 Capa ilustrativa do jornal *Zero Hora*. 21 de setembro de 2022.



Fonte: Acervo GZH

Em relação à *Folha de São Paulo*, foram utilizados dois de seus manuais de redação. Um publicado em 2001 e outro de 2018. Vale ressaltar que os manuais da Folha não são disponibilizados gratuitamente e de maneira online para os seus leitores, mas através de livros físicos que podem ser comprados. O Manual de Redação da *Folha* já está em sua 22ª edição e é referência para outros jornais.

Na edição de 2001, temos a questão da objetividade abordada nos dois primeiros capítulos, que falam sobre o Projeto Folha, que reproduz a última versão do projeto editorial do jornal divulgada em 1997, bem como sobre procedimentos e diretrizes do jornal. Sobre a seleção de fatos e os textos mais livres, o manual traz um parágrafo interessante sobre subjetividade.

"A transição de um texto estritamente informativo, tolhido por normas pouco flexíveis, para um outro padrão textual que admita um componente de análise e certa liberdade estilística é consequência da evolução que estamos procurando identificar. Trata-se, porém, de política a ser administrada com parcimônia e cautela, seja para que não se perca a base objetiva de informação, seja para que o leitor não fique à mercê dos caprichos da subjetividade de quem está ali para, antes de mais nada, informar com exatidão." (p. 15)

Em relação aos procedimentos, a objetividade também é citada diretamente quando o manual traz o segmento reportagem. De acordo com a *Folha*, as informações devem ser transmitidas para os leitores de maneira objetiva e precisa sobre os fatos, os personagens e as ideias. E como alcançar isso? Através de "ganchos oriundos da realidade, acrescidos de uma hipótese de trabalho e de investigação jornalística". O manual traz também um subcapítulo falando sobre a análise da notícia, que geralmente é publicada como texto de apoio a uma reportagem principal a fim de enriquecê-la. Nessa análise, que se situa no espaço intermediário entre a crônica, a crítica e o comentário (mais subjetivos) e a notícia (mais objetiva), o autor deve se apoiar e dispor de elementos concretos e informações fundamentadas que justifiquem suas conclusões.

Na edição de 2018, a objetividade aparece já nas primeiras páginas, quando é citado o projeto editorial da Folha. Para o veículo, jornalismo profissional é aquele que segue regras técnicas e padrões de conduta que garantam os relatos fidedignos de fatos relevantes. O manual mais recente já traz a questão da dificuldade de alcançar a objetividade absoluta: "embora a objetividade descritiva seja inalcançável como valor absoluto, procedimentos consagrados de apuração e redação ampliam o distanciamento crítico e tornam as descrições dos eventos tão exatas quanto possível" (p. 16). Quando citada a conduta dos jornalistas, o manual volta a ressaltar, assim como o manual de 2001, que a Folha faz um jornalismo de qualidade, objetivo e preciso.

Figura 4 Capa ilustrativa do jornal *Folha de São Paulo*. 21 de setembro de 2022.



Fonte: Acervo *Folha de S. Paulo*

Os manuais brasileiros analisados citam pelo menos uma vez a questão da objetividade, demonstrando a importância que o conceito tem para a profissão e a relevância de compreender como os jornais encaram o valor. A verdade e a veracidade, também muito citadas nos manuais, são consideradas uns dos maiores compromissos dos jornalistas. Kovach e Rosenstiel (2003) afirmam que a verdade cria um sentimento de segurança e criticam os profissionais que não defendem métodos e técnicas para chegarem o mais perto da realidade. Neste capítulo em que os autores citam a verdade, eles afirmam que o jornalismo busca “uma forma prática ou funcional da verdade, e não a verdade no sentido absoluto ou filosófico” (p. 42). Para os autores, é mais realista compreender a verdade dentro do jornalismo como um processo que se desenvolve ao longo do tempo com a verificação dos fatos e os desdobramentos que uma mesma notícia pode ter.

A isenção e a imparcialidade, outros dois valores que aparecem muito nos manuais e nos estatutos dos jornais analisados, têm seus conceitos ligados de certa forma ao valor de objetividade, como citado anteriormente por Hohlfeldt (2008). A imparcialidade é um termo que se refere a não privilegiar ninguém e nenhuma parte, buscando sempre a neutralidade. Esse valor também gera uma série de reflexões no que diz respeito ao fazer jornalístico. No

livro *Políticas Públicas sociais e os desafios para o jornalismo* (2008), Marcelo Canellas cita um ensaio de Perseu Abramo (1988) que afirma que a imparcialidade e a neutralidade estão no campo do comportamento moral, enquanto a objetividade está no campo do conhecimento. "Ao contrário da imparcialidade, e da neutralidade, que têm caráter moralista e moralizante, a objetividade é fruto da relação que se estabelece entre o sujeito observador e o objeto observado no momento do conhecimento" (CANELLAS, 2008, p.112). O autor afirma ainda que Abramo acredita na busca da objetividade, mas não da imparcialidade.

A clareza e a simplicidade, como também afirma o autor, fazem parte da forma como um conteúdo jornalístico é apresentado. Para o autor, embora sejam categorias formais, “tendem a auxiliar o desempenho das categorias de conteúdo, em especial a objetividade e a exatidão/precisão” (p. 2). Um texto com clareza e simplicidade permite que a objetividade seja notada pelos leitores.

3.4 Manuais de Redação portugueses

No subcapítulo atual, farei uma análise semelhante a do subcapítulo anterior, mas dessa vez abordando os jornais de referência portugueses. Serão discutidos cinco manuais e estatutos editoriais de Portugal, também respondendo aos seguintes dados: nome do jornal; formato que apresenta suas práticas ou princípios editoriais, bem como o ano de origem; se cita o valor de objetividade diretamente; se for o caso, quantas vezes esse valor é citado; e por fim, quais outros valores que são tidos como principais nos jornais de referência. Assim como o jornal do *Grupo Zero Hora* e o jornal *Folha de São Paulo*, o jornal *Público* apresenta dois livros de estilo de diferentes anos analisados, entretanto, por apresentar diferenças dos principais valores citados entre uma edição e outra, optou-se por separá-los na tabela através da numeração.

Quadro 2 Manuais de Redação portugueses

Jornal	Forma/ano	Cita objetividade diretamente?	Quantas vezes?	Principais valores e critérios citados
Público	1) Livro de Estilo/1998	1) Sim	1) 7	1) Imparcialidade, integridade, rigor independência 2) Rigor, qualidade e criatividade
	2) Livro de Estilo/2005	2) Sim	2) 5	
Expresso	Código de Conduta/ n.i	Sim	1	Objetividade e Exatidão

Diário de Notícias	Estatuto Editorial/n.i	Sim	1	Rigor, verdade e exactidão
O Jornal Económico	Manual de Estilo/2019	Sim	1	Independência, isenção e rigor

O jornal *Público*¹⁶ disponibiliza de maneira online e gratuita a primeira¹⁷ e a segunda¹⁸ edição do Livro de Estilo do jornal, dos anos de 1998 e 2005, respectivamente. No livro de 1998, o *Público* traz como pilares essenciais a imparcialidade, a integridade e a independência. Para que essa tríade seja alcançada, uma série de métodos é citada, que inclui o tratamento distanciado do assunto abordado e o rigor. O livro dedica um parágrafo inteiro para a questão da objetividade, sendo o jornal de referência analisado que mais reflete sobre os limites da objetividade, reconhecendo que o valor não existe em seu estado puro.

"Em jornalismo, não existe objectividade em estado puro. A redacção de um texto e a sua publicação envolvem decisões individuais e colectivas de natureza sempre subjectiva. Por isso, a objectividade jornalística é entendida como um valor-limite e uma meta que o *PÚBLICO* procura todos os dias alcançar. É assim um problema de honestidade intelectual colocado permanentemente aos seus jornalistas, confrontados com uma outra questão: a exactidão dos factos relatados e a fidelidade das opiniões recolhidas. Incorrer em falsidades ou no sensacionalismo, manipular, deturpar ou silenciar informações, cair no tendenciosismo e na distorção dos acontecimentos, noticiar meras especulações como se fossem factos, desacreditam um jornal e desqualificam quem o pratica." (O *PÚBLICO*, 1998)

O livro apresenta a objetividade como uma meta e sugere que a mesma está presente na natureza dos jornalistas, tanto nas escolhas coletivas quanto nas escolhas individuais. Outro fato interessante desse livro de estilo é como a imparcialidade é vista. O *Público* e os seus jornalistas entendem que a imparcialidade não existe quando se trata de conflitos entre a liberdade e a escravidão, a tolerância e a intolerância, os direitos humanos, a democracia e a livre informação. "A imparcialidade não é sinónimo de neutralidade quando estão em causa valores fundamentais da vida em sociedade" (O *PÚBLICO*, 1998)

O *Público* também traz uma breve definição interessante de analisar do que para o jornal seriam alguns mecanismos para chegar ao mais próximo da objetividade: 1) pluralidade das fontes; 2) investigação; 3) ausência de ideias preconcebidas; 4) abertura a situações inesperadas e as perspectivas novas, contraditórias ou não com as convicções de cada jornalista.

¹⁶ O *Público* é um jornal diário matutino português fundado em 1990. É um dos jornais de referência em Portugal, juntamente com o Expresso. Disponível em: <https://www.publico.pt>

¹⁷ Disponível em: https://static.publico.pt/nos/livro_estilo/02-apresentacao.html

¹⁸ Disponível em: <https://static.publico.pt/files/provadosfactos/livro-de-estilo.pdf>

Quando fala sobre fatos e opiniões, o jornal também defende que na reportagem e no inquérito, “tal como não existe objectividade em estado puro, não existem nos textos jornalísticos fronteiras absolutas entre informação, interpretação e opinião”. O *Público* defende que na interpretação dos fatos há uma “fronteira difusa com a opinião”, já que a subjetividade do olhar do jornalista faz com que ele escolha um ângulo de abordagem do que observa e escreve. O livro traz ainda que o interesse, a emoção e a vivacidade fazem parte da escrita jornalística e que o distanciamento indispensável do profissional frente aos fatos não significa apatia, desinteresse ou ausência de sentimentos. A escrita deve de certa forma seduzir o leitor.

Também está disponível, a título de comparação, a última edição do Livro de Estilo de *Público*, de 2005. Já na abertura do livro, há a afirmação de que muita coisa mudou no jornalismo português, mas nem sempre para melhor. O jornal cita que há maior liberdade de imprensa, mas pluralismo na informação e meios de estar onde a História acontece. Em contrapartida, temos mais sensacionalismo onde deveria haver informação rigorosa. “Há muito mais informação disponível, mas nem sempre a melhor”(p. 7). O jornal afirma que não sacrifica o rigor, mas entende que o rigor já não significa mais informação cinzenta e meramente narrativa.

Nos princípios gerais do Livro de Estilo de 2005, o *Público* tem como base o rigor e a qualidade. A novidade está na citação da criatividade como a terceira preocupação central dos jornalistas do *Público*, e esta está associada à dinâmica noticiosa e diz respeito à capacidade de projetar sobre os acontecimentos um olhar e um ângulo novo, através da observação e da análise. A objetividade aparece em seguida, e o jornal afirma que os profissionais do *Público* devem recorrer aos mecanismos de objetividade, que incluem pluralidade das fontes, investigação cuidada, abertura a situações inesperadas e perspectivas novas, contraditórias ou não com as suas convicções. Justifica-se esses métodos principalmente em casos que envolvam acusações e nos casos de natureza militar, política, ideológica, partidária ou de ordem económico-financeira que se prestam a campanhas de manipulação e desinformação. Novamente, o *Público* admite não haver objetividade absoluta, mas nas notícias deve-se predominar a apresentação dos fatos em relação à opinião e interpretação do jornalista. Diferentemente da versão anterior, nesta há uma breve exemplificação do que não deve ser feito: “a referência a infortúnios, tragédias, doenças, acidentes, violência, etc. não deve ser despudorada nem alimentar curiosidades mórbidas”.



Fonte: site *Público*

O Código de Conduta do *Jornal Expresso*¹⁹ também está disponível de maneira online e gratuita²⁰. Já no primeiro parágrafo e subtítulo, o código traz a questão da objetividade. Assim como o jornal *Público*, o *Expresso* admite que não há uma objetividade absoluta, mas que isso não invalida a busca pela verdade factual. “É porque temos consciência da subjectividade que necessitamos procurar a objectividade. Ao jornalista cumpre buscar a verdade e divulgá-la.” O jornal defende que, para tentar alcançar a objetividade jornalística, a pluralidade das fontes, o trabalho em equipe e a investigação com cuidado e sem preconceitos são fundamentais. O jornal traz a questão da escrita e da linguagem atrelado ao valor de objetividade, afirmando que “deve privilegiar-se o substantivo e ser parcimonioso no recurso ao adjectivo e ao advérbio; estes estão a um passo da formulação de juízo de valor”.

Figura 6 Capa ilustrativa do *Jornal Expresso*. 19 de agosto de 2022.

¹⁹ O *Expresso* é um jornal português de periodicidade semanal publicado ao sábado desde 1973. Disponível em: <https://expresso.pt>

²⁰ Disponível em: <https://expresso.pt/informacao/estatutoeditorial/2020-01-20-Estatuto-editorial-3c79f4ec>



Fonte: Site *Ver Capas*

O *Diário de Notícias*²¹ disponibiliza seu Estatuto Editorial²² de forma online e gratuita também no próprio site. O estatuto apresenta como pilares a verdade, o rigor e a isenção. Cita uma vez o valor de objetividade, ao explicar que hierarquiza o seu noticiário de acordo com a importância do conteúdo, com a objetividade possível e “não consoante apriorismos ideológicos”. Apesar de não citar como o *Público* e como o jornal *Expresso* a impossibilidade da objetividade pura, a escolha da “objetividade possível” já demonstra que sua visão em relação ao valor não se diferencia muito dos outros jornais portugueses já citados. Logo em seguida, o *Diário de Notícias* afirma que preza pelo conceito de seriedade jornalística e não cede ao apelo do sensacionalismo apesar de ter conhecimento “dos benefícios possíveis em termos de mercado de leitura”.

Figura 7 Capa ilustrativa do Jornal *Diário de Notícias*. 22 de setembro de 2022.

²¹ O *Diário de Notícias* (DN) é um jornal diário português, sediado em Lisboa, fundado em 1864. Tendo conhecido três séculos diferentes, o jornal seguiu, nas suas diversas fases, políticas editoriais e gestões muito diversificadas, e conheceu vários proprietários, incluindo empresas públicas e privadas. Disponível em: <https://www.dn.pt>

²² Disponível em: <https://www.dn.pt/estatuto-editorial.html>



Fonte: site *Diário de Notícias*

*O Jornal Económico*²³ tem um manual de estilo do ano de 2019 disponível também online e gratuitamente²⁴. A objetividade é citada uma vez, e o jornal afirma que o código “obriga o jornalista a manter a objetividade, proibindo-o de escrever sobre pessoas que lhe sejam próximas ou assuntos em que sejam parte interessada”. Trabalhar com independência, isenção, rigor e busca pela verdade são os principais objetivos do jornal, buscando ouvir todas as partes e confirmando os fatos antes de noticiar.

Sem citar objetividade diretamente, o jornal retoma a ideia do valor ao dizer que o jornalista deve evitar o sensacionalismo e buscar pelo equilíbrio, além de distinguir o que é opinião e o que é notícia. Na parte de estilo, *O Jornal Económico* também tem como norma a clareza e a simplicidade, bem como a busca por um texto preciso, rigoroso e que evite expressões como “cerca de” ou outras que fujam da exatidão. O código também tem como norma a utilização do método de pirâmide invertida e a ordenação das informações por ordem decrescente de interesse.

Figura 8 Capa ilustrativa do *O Jornal Económico*. 16 de agosto de 2022.

²³ *Jornal Económico* é um jornal português, especializado em economia e finanças, que começou a ser publicado em 16 de setembro de 2016. Disponível em: <https://jornaleconomico.pt>

²⁴ Disponível em: <https://jornaleconomico.pt/wp-content/uploads/2019/07/ManualdeEstilodoJE.pdf>



Fonte: site *Ver Capas*

3.5 Considerações acerca dos manuais brasileiros e portugueses

No presente subcapítulo, como forma de encerramento do capítulo dois de uma breve análise dos manuais e livros de estilo e redação, farei algumas considerações acerca dos manuais dos jornais de referência utilizados no capítulo anterior. Os jornais portugueses falam sobre o valor de objetividade de maneira explicativa e afirmam que, embora não seja possível alcançá-la de forma pura, deve-se seguir alguns métodos tendo como propósito a verdade dos fatos. Pegando como exemplo os métodos citados pelo jornal *Público*, temos a investigação como uma forma de alcançar a objetividade. No próprio livro de estilo do *Público* (2005) há um espaço para o método investigação. Visto que o jornalismo é, de acordo com o veículo, a procura da atualidade e da notícia, é preciso que haja investigação para que os profissionais não fabriquem histórias da sua cabeça ou se tornem apenas porta-vozes de campanhas. O rigor como método é muito citado nos jornais de referência portugueses, aparecendo 10 vezes no *Jornal Económico*, 24 vezes na versão de 2005 do *Público*, uma vez no *Expresso* e duas vezes no *Diário de Notícias*.

Direta ou indiretamente, a objetividade é citada por todos os manuais e livros de estilo dos dois países. No que diz respeito ao valor de objetividade, os jornais portugueses analisados dão uma explicação mais teórica e reflexiva sobre o valor, enquanto os brasileiros o citam de forma rasa. É notável que os manuais brasileiros abordam mais questões

gramaticais e ortográficas do que conceituais ou de origem teórica. Todos os jornais de referência analisados fazem menção ao lide ou à importância da organização de uma notícia e de uma reportagem para a clareza e fácil compreensão. Como vimos anteriormente, Tuchman (2008) afirma que a estruturação apropriada ao construir a informação “é um procedimento destinado a indicar a objectividade” (p. 83).

Exatidão e rigor são pontuadas nos manuais portugueses, juntamente da investigação e da isenção. De certa forma, todas estão conectadas na construção de um jornalismo ideal, visto que uma boa investigação deve buscar o máximo de exatidão possível, e cabe ao jornalista nesse processo não escolher ou mostrar apenas um lado do que está acontecendo, mas o todo. O rigor e a exatidão, tão citados nos manuais portugueses, podem ser vistos também nos manuais brasileiros, através da precisão, citado como um dos principais valores jornalísticos em três dos quatro jornais de referência analisados.

Gisele Reginato (2016) faz um mapeamento sobre a principal finalidade do jornalismo para os veículos, através de uma análise dos jornais *O Globo*, *a Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* como referência. A autora mapeou 38 documentos institucionais dos três jornais, incluindo princípios editoriais, manuais de redação, códigos de ética e editoriais. Reginato encontra que, para os veículos, esclarecer os fatos ao cidadão e apresentar uma sociedade pluralizada são as finalidades principais da profissão. Interessante observar que os valores de pluralidade de fontes e simplicidade de escrita estão diretamente ligados a essa finalidade. Cabe ao jornalismo, de acordo com esses veículos jornalísticos citados pela autora, apontar e apresentar a possibilidade de “acessar diferentes pontos de vista e, assim, exercer a cidadania” (p. 110). O pluralismo é visto como uma forma de se aproximar ao máximo da realidade, já que vivemos em uma sociedade plural.

Fica claro, nessa análise, que a preocupação com a exatidão, com o rigor, com a pluralidade e com a investigação fazem parte do universo do jornalismo. Além disso, é possível perceber que a discussão do valor de objetividade não é nova e também não está encerrada dentro dos veículos jornalísticos e da imaginação popular no que diz respeito ao papel do profissional de jornalismo. Embora alguns manuais até mesmo expliquem que a objetividade não é possível de ser alcançada em plenitude, todos reconhecem a importância do valor e a busca para informar de maneira simples e com maior aproximação da realidade. De acordo com Lisboa (2012), a objetividade na visão do leitor estaria associada não só à forma de apresentação da informação, mas à aparente ausência de interesses não jornalísticos e ao método de apuração. A objetividade é esperada pelos leitores como peça fundamental para a conservação da confiança na credibilidade de um veículo.

4. OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA SOB O OLHAR DE ESTUDANTES BRASILEIROS EM PORTUGAL

4.1 Apresentação do corpus e do método

O trabalho em questão pretende reconhecer aspectos culturais percebidos na produção jornalística brasileira e portuguesa, identificar concepções de objetividade através dos manuais e livros de estilo de jornais de referência brasileiros e portugueses, e comparar as noções sobre a expressão do valor de objetividade na produção jornalística dos dois países, através da percepção de jovens brasileiros estudantes de comunicação no país luso.

No âmbito metodológico, essa pesquisa se classifica como exploratória, visto que pretende investigar a percepção dos estudantes brasileiros, tópico pouco explorado nos trabalhos que analisam o valor de objetividade. Antonio Carlos Gil (2002) afirma que as pesquisas exploratórias têm como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (p. 41). Para Freitas Prodanov (2013, p. 69-71), a pesquisa exploratória geralmente envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. No presente trabalho, num primeiro momento foi realizada a discussão teórica através da pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em livros e artigos científicos. De acordo com Gil (2002), a vantagem da pesquisa bibliográfica é “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (p. 45).

No primeiro capítulo teórico discute-se inicialmente os diferentes conceitos de objetividade, seguido do subcapítulo em que o foco está sobre o diálogo dos conceitos de subjetividade e de intersubjetividade dentro do jornalismo como profissão. A objetividade desponta como conceito fundamental para esclarecer os sentidos teóricos trilhados até o momento, e os autores Traquina (2004), Martins (2005), Mesquita (2003), Tuchman (1999), Jorge Pedro Sousa (2005, s.n), Hohlfeldt (2008), Sponholz (2009), Wolf (2003), Brixius (2006), Kovach e Rosenstiel (2003), Gehrke (2017), Moretzsohn (2000) e Barsotti (2021) foram escolhidos para abranger essa discussão. A subjetividade geralmente está atrelada à objetividade quando se trata do diálogo sobre os dois conceitos no jornalismo, e para melhor compreensão foram utilizados os autores Lippman (1999), Medina (2008), Motta (2005), Meditsch (2001), Barbero (1995), Benetti e Lisboa (2005), além de quatro já citados e utilizados para falar sobre o conceito de objetividade, como Traquina (1999), Sponholz (2009), Carla Martins

(2005). Para concretizar o segundo objetivo deste trabalho, que é comparar as noções sobre a expressão do valor de objetividade na produção jornalística de Brasil e Portugal, foi realizada no segundo capítulo teórico uma pesquisa documental através da análise de manuais e livros de estilo e conduta de jornais de referência. Foram quatro jornais de referência brasileiros — *A Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Zero Hora* e *Estado de S. Paulo* — e quatro jornais de referência portugueses — *Público*, *Expresso*, *Diário de Notícias* e *O Jornal Económico* para compreender de que forma o valor de objetividade é abordado e citado nesses dois países. A pesquisa documental, de acordo com Gil, segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica, mas com “fontes mais diversificadas e dispersas” (GIL, 2002, p. 46). Ainda para o autor, a pesquisa documental apresenta certas vantagens em relação à pesquisa bibliográfica, como o custo, a riqueza e a estabilidade de dados.

Por fim, para compreender a relação e a percepção do valor de objetividade para os estudantes de jornalismo, emprega-se no capítulo de análise, a técnica da entrevista em profundidade, que Duarte (2005) afirma ter como foco principal a busca pela qualidade e intensidade das respostas, ao invés da preocupação com a quantidade ou a representação estatística. A ideia nesta pesquisa é tentar compreender como a objetividade é percebida pelos estudantes brasileiros e futuros jornalistas que residem e estudam em Portugal.

Esse é um dos métodos geralmente utilizados nas pesquisas qualitativas, que permitem “identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada” (DUARTE, 2005, p. 63). A coleta de dados tem como principal instrumento a entrevista e a observação, e é fundamental quando há uma relação entre o mundo objetivo e a subjetividade que não pode ser traduzida em números. (PRODANOV, FREITAS, 2013).

Em relação ao tipo de roteiro, optou-se pela entrevista semi-aberta com questões guia, de modo que o entrevistado tenha um norte a seguir, ao mesmo tempo em que se sente à vontade para discorrer sobre a questão levantada. Esse tipo de entrevista permite “criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados” (DUARTE, 2005, p 67), o que será fundamental para concluir essa pesquisa. Essa técnica permite uma duração maior de tempo de entrevista, além de uma interação maior com os entrevistados, o que favorece respostas espontâneas e uma maior proximidade entre entrevistador e entrevistado, de acordo com Boni e Quaresma (2005). Para a entrevista foi construído o seguinte quadro de perguntas:

Quadro 3 Quadro de instrumento da pesquisa

	Roteiro Semi-Estruturado
1. Informações gerais para conhecer o entrevistado	a) explorar nome, idade, ocupação, cidade natal, qual cidade mora atualmente e em qual faculdade estuda/estudou;
2. Sobre o entrevistado em relação a graduação	b) Como foi tomada a decisão de cursar jornalismo? c) Chegou a cursar a faculdade no Brasil? d) Como foi feita a escolha de fazer graduação em Portugal e por qual motivo?
3. Sobre a faculdade	e) O curso de comunicação é totalmente integrado? f) Há uma divisão de disciplinas para cada curso dentro da comunicação? De que forma isso é feito?
4. Sobre o valor de objetividade	g) O que você entende por objetividade dentro do jornalismo? h) O curso aborda esse valor? Há uma discussão sobre isso em sala de aula? Em quais disciplinas? i) Se sim, de que forma é abordado? j) Acha que isso deveria ser debatido em sala de aula? k) Caso tenha frequentado a universidade no Brasil, quais diferenças e semelhanças observou em relação à abordagem da objetividade jornalística?
5. Outros valores e critérios do jornalismo	l) Que outros valores e critérios são identificados/abordados como essenciais para o jornalismo em sala de aula? m) Acredita que seja importante essa discussão teórica na graduação? Por quê?
6. Sobre o jornalismo no Brasil e em Portugal	n) Como você percebe as diferenças no jornalismo feito por veículos brasileiros e por veículos portugueses? o) Se sim, quais seriam essas diferenças?

4.2 Apresentação dos entrevistados

Nessa pesquisa, buscou-se contemplar a maior parte de regiões possíveis de Portugal. Oficialmente, o país registra cinco regiões, denominadas como zonas, sendo elas: Norte, Centro, Lisboa, Alentejo e Algarve. Foram entrevistadas 10 pessoas ao todo, quatro pessoas da região Norte, sendo duas da Universidade do Porto, uma da Universidade Fernando Pessoa e uma da Universidade de Minho, em Braga; duas pessoas da região de Lisboa, ambas da Universidade de Lisboa; duas da região do Algarve, da Universidade do Algarve e duas entrevistadas da região Central, da Universidade de Coimbra. A região do Alentejo possui universidades focadas em marketing, mas não há universidades referência que contemplem o curso de jornalismo ou de ciências da comunicação integrado. De forma geral, os entrevistados concluíram a graduação ou estão no último ano, para que tenham tido contato com a maior parte das disciplinas ou cursado elas em sua totalidade. Os entrevistados possuem idade entre 22 a 24 anos e alguns já não vivem mais em Portugal, tendo retornado ao Brasil após o final da graduação. Todos os entrevistados concordaram em conversar por vídeo chamada e assinaram o termo de autorização. De qualquer modo, os nomes verdadeiros não serão expostos a fim de preservar a identidade dos entrevistados. Dessa forma, nomes fictícios serão usados ao longo da análise. A entrevista foi realizada pelo *Google meet*, plataforma de videoconferências do *Google* que pertence ao *Workspace*. A escolha foi feita pelo fato da plataforma permitir, de forma gratuita, reuniões com duração de 24h, diferentemente de outras plataformas que dispõem apenas 30 minutos.

Os primeiros dois entrevistados que foram contatados são universitários do curso de Ciências da Comunicação, com foco em jornalismo, da Universidade do Porto, universidade na qual fiz mobilidade acadêmica e onde conheci alguns estudantes brasileiros. Os outros três entrevistados são universitários que possuem comigo amigos em comum, os quais fizeram a intermediação para o começo da conversa. O contato foi feito via Instagram, através das chamadas *direct messages* dessa rede social. Num primeiro momento foi feita uma breve apresentação sobre quem eu era, onde estudava e qual era a minha pesquisa, a fim de saber quem teria interesse em contribuir para a investigação.

Em um segundo momento, foi questionado se todos tinham, dentro do curso de comunicação social, o foco em jornalismo, visto que as universidades em Portugal geralmente atuam com os cursos de jornalismo, relações públicas e publicidade e propaganda de maneira integrada. Para encontrar o restante dos entrevistados com perfil correspondente a essa pesquisa e chegar a um número suficiente de respostas, foi aplicada a técnica de amostra por “bola de neve”, na qual os entrevistados indicam indivíduos da sua rede de amigos ou conhecidos que se encaixem no perfil exigido e se interessem em participar da pesquisa.

Biernacki e Waldorf (1981) afirmam que o método auxilia a constituição de uma rede de pessoas que possuem características e interesses semelhantes.

O capítulo pretende apresentar o objeto empírico ao leitor. Para isso, a análise será dividida em três partes, abrangendo três temáticas da pesquisa: 1) o valor de objetividade e a dinâmica da universidade; 2) valores e critérios mais citados ao longo da graduação em Portugal; 3) diferenças e semelhanças entre o jornalismo no Brasil e em Portugal; além de uma parte final com as considerações acerca da análise realizada. Vale ressaltar que, na segunda temática, inicialmente havia questionado apenas sobre outros valores e critérios citados em sala de aula, mas além disso, alguns métodos e técnicas também foram citados pelos estudantes entrevistados, integrando então a parte das análises.

Quadro 4 Perfil dos entrevistados

Nome	Idade	Universidade	Região	Nível/Etapa da Graduação
1. Lucas	22	Universidade do Algarve	Algarve	Completo
2. Eduarda	22	Universidade do Porto	Norte	Último semestre
3. Marta	24	Universidade do Porto	Norte	Completo
4. Elen	22	Universidade Fernanda Pessoa	Norte	Último semestre
5. Luiza	23	Universidade de Lisboa	Lisboa	Completo
6. Clara	23	Universidade de Lisboa	Lisboa	Completo
7. Diana	22	Universidade de Coimbra	Centro	Completo *mobilidade acadêmica
8. Guilherme	23	Universidade do Minho (Braga)	Norte	Completo
9. Brenda	23	Universidade do Algarve	Algarve	Completo
10. Juliana	23	Universidade de Coimbra	Centro	Penúltimo semestre

4.3 Percepção dos entrevistados: valor de objetividade e as universidades portuguesas

A primeira observação que se nota dos estudantes brasileiros é que todos os 10 entrevistados foram estudar em Portugal não por ser alguma referência em jornalismo, mas por outros planos familiares ou pessoais, que envolvem desde se mudar com os pais para um novo país ou tentar uma vida melhor em outro continente. Primeiramente considero importante explicar a dinâmica das faculdades de referência portuguesas em relação ao curso de comunicação, por apresentar algumas diferenças em relação à graduação de comunicação das universidades brasileiras.

Das seis universidades portuguesas contempladas nesta pesquisa, cinco apresentam disciplinas integradas na comunicação, abrangendo a área de relações públicas, de publicidade ou marketing, algumas de design ou produção audiovisual. A Universidade do Porto e a Universidade do Minho são as únicas que em determinado momento do curso apresentam uma divisão nas disciplinas obrigatórias para quem quer ir para a área de jornalismo, comunicação estratégica (relações públicas) ou multimídia. Já a Universidade de Coimbra, que possui o curso denominado Jornalismo e Comunicação, aborda disciplinas do jornalismo e algumas de comunicação estratégica, não apresentando foco ou disciplinas de marketing ou publicidade e propaganda.

As outras cinco universidades apresentam disciplinas obrigatórias em comum para todos os "focos", seja marketing ou relações públicas, tendo as opinativas como opção para quem deseja seguir um determinado segmento dentro da comunicação. O curso de jornalismo, portanto, é integrado com o curso de relações públicas e publicidade, ou marketing. Em alguns casos há também a formação de audiovisual, cinema e design integrados. Todas as graduações das universidades são de 3 anos, e é comum em Portugal a especialização na área vir através do mestrado que são dois anos e muitas vezes complementam essa graduação.

Por conta disso, alguns entrevistados relatam que muitas questões teóricas e práticas são abordadas superficialmente, visto que não há um foco em apenas um segmento da comunicação. Um dos entrevistados, Lucas, afirma que há um entendimento de que o mestrado é como se fosse a continuação da graduação para quem deseja se especializar em alguma das áreas:

"Aqui em Portugal, aqui na Europa na verdade, tem uma convenção que veio se formando que é muito comum de fazer o curso e depois integrar o mestrado. Como aqui os cursos são mais curtos você foca no curso para ter uma capacitação, no meu caso é a comunicação e depois você ingressa num mestrado pra você fazer a sua especialização, que no caso seria o jornalismo." (Lucas, 22 anos)

Outras três entrevistadas consideram que há pouco entendimento sobre como atuar em cada uma das áreas da comunicação, incluindo o jornalismo, já que a grade curricular em

geral tenta priorizar um pouco de cada segmento da comunicação. Luiza afirma que a graduação é assim do começo ao fim, com todas as mesmas disciplinas obrigatórias para os mesmos alunos, e isso permite ao final do curso que todos possam atuar em qualquer área da comunicação. "Eu acho que é bom, mas ao mesmo tempo não, por que tu sai de lá com uma cabeça muito geral, tipo tá, e o que eu vou fazer agora?" (LUIZA, 23 anos).

Clara, estudante da mesma universidade que Luiza, universidade de Lisboa, concorda quando relata como funciona a divisão das disciplinas de jornalismo no curso de comunicação:

"Eu acho que atrapalha um pouco ser tudo, por que nunca é 100% focado numa área só, e é um pouco confuso assim, tem áreas que eu nem sei, eu nem sei se conseguiria trabalhar pq tive poucas cadeiras sobre, sabe? Mas eles focam muito em jornalismo e marketing, que é o principal, mas nunca dá pra ter foco em todas as áreas." (CLARA, 23 anos)

O valor de objetividade, por sua vez, é lembrado como tema de discussão em sala de aula por alguns alunos brasileiros, tanto em disciplinas teóricas quanto em disciplinas práticas. É possível identificar que os três alunos que citaram ter certeza da discussão sobre esse valor dentro de sala de aula são alunos de Coimbra, Minho e Porto, universidades que apresentam o foco em jornalismo em algum determinado momento do curso. De acordo com o estudante entrevistado Guilherme, as aulas abordam os critérios de noticiabilidade e que a notícia é uma construção da realidade, mas ele afirma que de fato aprendeu isso nas aulas práticas, denominadas laboratórios, quando os alunos tinham a oportunidade de escrever as notícias de fato e os professores auxiliarem. Assim como Guilherme, a entrevistada Juliana teve contato com o valor de objetividade em disciplinas teóricas, e o assunto foi retomado também nas aulas mais práticas do jornalismo.

A primeira vez que ouvi falar em objetividade foi já no primeiro ano de faculdade na disciplina de teorias da comunicação, e depois foi surgindo em outras cadeiras, como teorias do jornalismo, imagem e comunicação, várias coisas. E no meu último semestre que passou agora, eu fiz uma cadeira mais prática de jornalismo de mídia e foi interessante ver como a professora abordava essa questão. (JULIANA, 23 anos)

A estudante Marta afirma que também teve contato com esse valor jornalístico, mas em uma disciplina específica que se divide em duas: Técnicas de Expressão em Jornalismo, online e impresso. De acordo com ela, a questão da objetividade estava muito ligada ao modo que um texto deve ser produzido e escrito, além do reforço da importância dos 5W (lide). A estudante considera, no entanto, que há pouco debate sobre esse valor, bem como pouca reflexão acerca do assunto entre colegas e professores.

"Acho que o que falta é essa leveza no debate, pra entender o que pra você é. Sinto que às vezes aqui é só uma via de jogar toda matéria em cima de você e vir aquele negócio do ensino médio, decoreba, só que não é simplesmente escrever, se não qualquer um poderia ser jornalista, se não a gente não tava tirando um curso né."
(MARTA, 24 anos)

Já os estudantes das universidades que apresentam o curso de forma integrada, afirmam não terem debatido ou sido apresentados para esse valor ao longo da graduação. Brenda, de 23 anos, afirma que na Universidade do Algarve a questão não era muito falada em sala de aula, mesmo nas disciplinas mais teóricas. Lucas, de 22 anos, também estudante da UAlg, lembra que na disciplina de gêneros redatoriais houve essa conversa, mas com pouca profundidade.

Clara, aluna da Universidade de Lisboa, afirma que não se lembra dessa questão ser abordada em sala de aula, e acha que isso não era uma questão para eles, ou era tida como óbvia. Já Luiza afirma que até recorda da apresentação dos valores jornalísticos e da objetividade, mas que não havia uma discussão sobre esse valor especificamente: "nunca chegou num momento em que na sala de aula a gente foi discutir sobre o que é objetividade ou como ela se dá", disse a estudante.

Independentemente de lembrarem ou não da forma como o valor foi abordado dentro de sala de aula, todos os entrevistados possuem um entendimento próprio sobre o que é objetividade. Como comentado anteriormente, a questão da objetividade circula não só entre jornalistas, mas também no imaginário coletivo dos consumidores e leitores. Dessa forma, todos os estudantes — mesmo os que afirmam não lembrar de discutir o valor em sala de aula — apresentam uma visão sobre o que consideram que é a objetividade no jornalismo.

Dois estudantes entrevistados trazem a objetividade como sinônimo de clareza que, como afirma Hohlfeldt (2008), é uma das formas e métodos relacionados ao termo. Para Eduarda, 22 anos, objetividade é passar as informações da forma mais clara possível, assim como para Lucas, de 23 anos, que considera que a clareza nas frases é essencial. Para ele, conseguir colocar o máximo de informação no mínimo de palavras e ir direto ao ponto é o que representa a objetividade jornalística.

Eduarda afirma, entretanto, que considera controversa a definição de objetividade, visto que cada pessoa tem uma visão sobre os fatos e pode, eventualmente, trazer essas definições pré-concebidas: "posso automaticamente fazer um pré julgamento positivo ou negativo de algo, principalmente relacionado à minha visão política, sabe?" (EDUARDA, 22 anos). A estudante considera que ouvir os dois lados de uma história, verificar dados,

trabalhar com ética, escolher bem as fontes e tentar se afastar ao máximo do objeto noticiado é uma forma de chegar mais perto da objetividade.

Já Lucas acredita que esse modelo de jornalismo que é muito focado na objetividade é um modelo que está caindo em desuso e, na percepção dele, as novas gerações escrevem de uma forma mais apelativa para o emocional: "Tinha ali uns recursos voltados pro criativo, mas acho que isso é mais da nossa geração, que é mais voltada pra essa sensibilidade, eu acho que teve essa leve mudança. (LUCAS, 23 anos).

Lucas é o único entrevistado a citar a criatividade, presente no Livro de Estilo do Público como um dos 5 principais valores do veículo para fazer um bom jornalismo. A criatividade, no entanto, é trabalhada de diferentes formas, de acordo com o formato e o estilo de texto. "Se você vai escrever uma reportagem, ela pode ser um pouco mais sentimental do que a notícia em direto, né? E se você for escrever um obituário, tem que ser o mais frio possível." (LUCAS, 23 anos).

Através da fala do estudante entrevistado, não é difícil lembrar do jornalismo contemporâneo e das diferenças que os jornalistas e futuros jornalistas enfrentam em relação às gerações anteriores. A era da pós-verdade²⁵, por exemplo, nos traz a realidade de que os fatos objetivos têm cada vez menos influência em moldar a opinião pública do que o apelo às emoções e às crenças pessoais. Sem entrar neste primeiro momento na problemática que envolve a pós-verdade e o crescimento de notícias falsas²⁶, podemos refletir que de certa forma, o momento em que vivemos tem uma provável grande influência na forma como as gerações escrevem os seus textos. Além do mais, podemos nos questionar como informar com qualidade e profundidade sem ser cansativo para o leitor? Com tanta informação disponível nas plataformas online, também recai sobre os jornalistas a função de escrever de maneira atrativa e — como cita o Público — criativa para chamar a atenção dos leitores, mas sem perder a qualidade e a seriedade.

Três dos estudantes entrevistados consideram que a objetividade jornalística é passar os fatos e as informações "sem enrolar", ser direto e focar no que é realmente importante. Luiza, uma dessas entrevistadas, acredita que muitas vezes o fato relatado não é necessariamente o que aconteceu, sendo também uma interpretação do jornalista. A notícia aparece no relato da estudante como uma realidade possível.

²⁵ Situação em que as pessoas estão mais propensas a aceitar um argumento baseado em suas emoções e crenças, ao invés de baseado em fatos. (tradução própria) Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/post-truth>. Acesso em 14 de setembro de 2022.

²⁶ distribuição deliberada de desinformação ou boatos via mídias sociais.

A estudante Diana, que fez mobilidade acadêmica na Universidade de Coimbra, considera que para alcançar a objetividade, é importante tentar não abranger tantas informações que fogem do contexto apresentado. Entretanto, a aluna ressalta que não acredita que o jornalismo contemporâneo funcione dessa forma, visto que hoje em dia são disponibilizadas muitas informações e acabamos tendo que contextualizar demais as situações.

Juliana também entende que a objetividade é ir direto ao ponto, não trazendo informações que não contribuem para o principal fato ser esclarecido. Segundo a estudante entrevistada, é ensinado na Universidade de Coimbra que o jornalista busque ao máximo ser objetivo ao escrever uma notícia, mas entendendo que é uma certa utopia achar que será alcançada por completo. Ela afirma que as aulas focam na questão de ser simples e sucinto, não escrever textos longos e usar a pirâmide invertida ou pirâmide horizontal no caso das mídias digitais. Clara também traz que a sua visão da objetividade é muito moldada pelo que aprendeu na universidade:

Eu acho que é mesmo o que o português faz num geral, sabe? É um jornalismo diferente se você for parar para pensar, do nosso jornalismo. Acho que às vezes eles até são muito objetivos, no sentido de dar a notícia e pronto acabou, essa é a notícia e tchau. E acho que às vezes falta trazer um pouco pro humano, sabe? Eu sinto que o português é bem objetivo no que ele precisa, então acho que é bem isso. (CLARA, 23 anos)

Para Guilherme, a notícia é uma construção da realidade, e ele entende que a objetividade está dentro dos valores que são importantes para o jornalismo. Além disso, o estudante considera que ouvir os dois lados é uma boa forma de atingir essa objetividade. Assim como ele, Eduarda também julga esse método jornalístico como importante dentro desse valor:

Mas eu acho que uma dessas coisas que pode dar por exemplo é ouvir os dois lados de uma história, acho que é isso um pouco que o Público fala de buscar a objetividade, eu acho que talvez seja uma boa via, sabe? Quando vai fazer uma reportagem e consegue ouvir fontes que se opõem, acho isso importante. (Eduarda, 22 anos)

Elen é a única entrevistada que traz uma visão um pouco diferente dos colegas em sua percepção, considerando a objetividade um conceito básico que envolve desde se portar na frente da câmera até na forma que editamos uma notícia ou reportagem.

Retomando algumas questões apresentadas pelos alunos, percebemos que muitos métodos do fazer jornalístico se destacam como fundamentais para a compreensão do que é a objetividade. Primeiramente, citado pela aluna Marta, temos o lide e a reiteração da

importância dos 5 W's que a aluna disse ser reforçado pelos professores. Os 5 W's se referem a *Who? What? Where? When? Why*, o mesmo que quem? O quê? Onde? Quando? e Por quê? em português. De acordo com o manual da redação de 2018 da Folha de São Paulo, a abertura de um texto, o lide, é uma das partes mais importantes de uma notícia, pois é ali que é despertado o interesse do leitor. O lide clássico é o que responde a essas perguntas conhecidas como 5 W's, e é utilizado em notícias de fatos urgentes e fortes, de acordo com o manual. Ainda conforme a Folha, essa escolha dependerá do jornalista descobrir no conjunto da apuração qual é o ponto mais interessante de uma situação.

Os entrevistados Guilherme e Eduarda trazem como indicativo da busca pela objetividade a verificação e a escuta dos dois lados, ou mais, de uma história. Tuchman (1999) afirma que muitos jornalistas acreditam que apresentar situações conflituais são procedimentos utilizados para alcançar a objetividade, pois quando existem pontos de vista que divergem de um determinado assunto e as informações não são passíveis de verificação, há o uso dessa alternativa para que o público tenha acesso a diferentes versões de uma mesma história e possa assim então julgar qual considera ser a verdade. O *Público*, na primeira versão do seu Livro de Estilo, afirma que na falta de dados claros, a melhor solução é dar "os dois lados", e traz como exemplo a cobertura de manifestações, shows e comícios políticos, que exigem distanciamento e equidade no tratamento, por isso o mais correto seria dar "os números fornecidos pelos organizadores e pelas autoridades policiais presentes; e, eventualmente, o cálculo do conjunto dos jornalistas em serviço do acontecimento".

Quando abordada a importância da discussão teórica em sala de aula do valor de objetividade, todos os entrevistados afirmaram que consideram esse debate como algo relevante para a formação de jornalistas. A estudante Marta afirma que viver numa sociedade com um grande número de *fake news* faz com que a importância das discussões teóricas seja ainda maior. Para Guilherme, saber a teoria é importante, principalmente nos dias de hoje, em que os jornalistas são cada vez mais atacados:

Eu sinto que nós saímos da universidade muitas vezes sem uma carga para defender a própria profissão do jornalista, por que os jornalistas sempre são atacados dizendo que eles estão contando a história falsa ou de maneira errada, mas se você vê a peca jornalística ela fala com as partes envolvidas na história, mostra o ponto e contraponto... falta essa carga para nos defendermos e mostrar para o grande público como é feita a notícia, né?

Diana afirma que já trabalha com jornalismo há dois anos e meio, e o que mais nota em sua cidade natal, Manaus, é a diferença do jornalismo feito por jornalistas formados e por pessoas que são graduadas em outras profissões e abrem uma empresa com foco em notícias e

reportagens: "a teoria é boa para guiar a gente, manter um padrão, não dá pra fazer um jornalismo sério de verdade sem a teoria" (DIANA, 22 anos).

De modo geral, compreende-se que a objetividade, mesmo quando não citada diretamente pelos professores na graduação portuguesa, se faz presente indiretamente a partir de métodos e procedimentos que são considerados como uma forma de buscar a objetividade, como o lide, a preocupação com o uso das fontes e com mostrar os diferentes lados de um fato.

4.4 Percepção dos entrevistados: outros valores essenciais para o jornalismo

Para além da objetividade, questionou-se aos entrevistados quais outros valores eles perceberam serem sinalizados como importantes para a construção de um jornalismo considerado de qualidade. A ideia é compreender a percepção desses estudantes e analisar se os valores se assemelham à objetividade ou a algum método que é considerado importante para alcançar esse valor.

O estudante Lucas lembra de nas aulas ser frisada a importância da pluralidade de fontes. Ele recorda que geralmente era solicitado, no mínimo, entre três a cinco fontes para ter uma boa margem de pessoas. Também era frisada a questão de ir buscar a notícia "direto no campo", ou seja, onde está de fato acontecendo — dentro da realidade possível. O terceiro ponto citado pelo entrevistado é a imparcialidade, que de acordo com ele é seguido "à risca" no jornalismo português.

A entrevistada Eduarda recorda ser sempre debatido em sala de aula a relevância da pauta. Ela diz que há uma preocupação com a questão da pirâmide invertida, com o formato do texto e da escrita. Segundo a estudante, que chegou a cursar faculdade de jornalismo por dois anos no Brasil, as aulas na Universidade do Porto são muito mais técnicas. Além da relevância da pauta, ela afirma que a quantidade e a qualidade de fontes também é fundamental: "*Top 1* era isso das fontes. Tinha essa preocupação de buscar fontes de lados opostos. Vamos falar com um assessor e também com quem fez a denúncia de algo, entendeu? Tem uma preocupação grande com isso" (EDUARDA, 22 anos). A estudante Luiza também percebe que a diversidade das fontes é tido como importante, bem como a clareza, a busca pela verdade e a imparcialidade.

Marta, estudante da mesma universidade que Eduarda, também lembra da escolha das fontes ser relacionada como importante na criação dos textos, principalmente a de fontes oficiais. A entrevistada cita que a construção de um bom lide era frisada, bem como a criação de um título que não fosse sensacionalista, mas que passasse a informação principal. Um

ponto interessante levantado pela aluna foi a questão das imagens, não citadas ainda nesse trabalho. "Além das fontes, falavam também sobre a escolha das imagens, da importância delas, por que podem muitas vezes sensibilizar os leitores." (MARTA, 24 anos)

No Manual de Redação da Folha de São Paulo de 2018, há um parágrafo dedicado às imagens, que segundo o jornal devem seguir os mesmos valores éticos, profissionais e legais que os textos. No livro de Estilo de 1998 do Público, há também a menção da fotografia jornalística. De acordo com o veículo, as imagens escolhidas não são um gênero menor ou um mero ilustrativo, mas um contraponto informativo do texto:

"Como critério básico deve prevalecer a valorização de uma fotografia, que constitui um centro de atração visual, em detrimento da disseminação de fotografias, cuja carga informativa ou dramática tende a ser repetitiva e retórica, além de tornar confusa e dispersiva a leitura gráfica da página ou do plano de páginas" (LIVRO DE ESTILO PÚBLICO, 1998).

Percebe-se que o jornal traz a importância de uma imagem com um centro de atração visual, sem muita carga informativa que vá tirar o foco do leitor. Assim como com o texto, há uma predileção pelo uso de imagens que sejam claras e de fácil compreensão, podendo ser interpretadas como imagens "objetivas" que seguem os métodos que se busca também na parte escrita. Para Sousa (2001), no entanto, a fotografia pode representar ou indicar a realidade, mas não registrar esta como um espelho fiel. O fotojornalismo atual é levado pelos temas, conteúdos e formas convencionadas no jornalismo que foram se estabelecendo com o tempo. O autor afirma que cabe ao fotojornalismo encontrar novos usos sociais e funções que reconhecem a dimensão ficcional e construtora social da realidade que a intervenção fotográfica atinge (p. 435). Há inclusive, em sua obra, uma crítica em relação à desvalorização do fotojornalismo nos manuais:

A desvalorização do fotojornalismo e do cartoonismo enquanto actividades jornalísticas está bem patente nos próprios manuais de jornalismo e mesmo em alguns livros de estilo, que não raras vezes ignoram esses temas ou apenas lhes consagram meia dúzia de linhas. Porém, o fotojornalismo e o cartoonismo podem ser modalidades jornalísticas de grande utilidade e relevância informativa ou crítica. (SOUSA, 20021, p. 415).

De acordo com o autor, as inovações tecnológicas motivam a readaptação dos fotojornalistas a novos modelos e rotinas produtivas, e a fotografia digital e a manipulação feita nas imagens através do uso dos computadores provocam também essa readaptação. Sousa sublinha também que ao falar de fotojornalismo estamos falando do conjunto imagem e texto, pois para informar é preciso, muitas vezes, do complemento da escrita.

Elen e Clara percebem que honestidade e verdade são tópicos abordados como

fundamentais também. Segundo Clara, a questão de ética e, como também trouxe Lucas, códigos deontológicos dos jornalistas são sempre levantados. "Eu tive muitas cadeiras sobre esses tópicos, é algo que eles querem que a gente leve pra vida em relação ao jornalismo, essa parte que envolve a ética" (CLARA, 23 anos). A aluna afirma também que a subjetividade era abordada nas aulas de ética, sobre como um jornalista deve agir entendendo sua complexidade subjetiva.

Diana lembra da parte que diz respeito ao método, e afirma que o lide era muito citado em sala de aula, bem como a pirâmide invertida e a preocupação em colocar os principais fatos acima do restante. Para Guilherme, a neutralidade e a objetividade eram os valores mais citados. Ele também relembra da importância dada ao lide, respondendo as perguntas principais, e a pirâmide invertida, apesar de achar que isso variava de professor para professor. Para Brenda, a clareza e a diferença entre os gêneros redatoriais eram citados como fundamentais na busca por um jornalismo de qualidade. Para Juliana, textos sucintos e claros eram pontos considerados importantes.

Se formarmos um quadro, a fim de visualizar melhor os termos citados repetidamente como relevantes pelo estudantes entrevistados, teremos o seguinte:

Quadro 5- Outros valores e técnicas do jornalismo

O quê?	Citado quantas vezes
Pluralidade de fontes	3
Lide	3
Verdade	3
Imparcialidade	2
Clareza	2
Pirâmide invertida	2

Ao analisar pela tabela, percebemos mais claramente quais questões foram levantadas pelos entrevistados como essenciais para um bom jornalismo, de acordo com o que cada um lembra das aulas. Pluralidade de fontes, lide e verdade são os três pontos mais citados pelos alunos, seguidos de imparcialidade, clareza e pirâmide invertida. Podemos perceber que três deles dizem respeito ao método e ao formato, enquanto outros três se referem ao conteúdo, mas todos de alguma forma se relacionam com a busca pela objetividade.

A pluralidade de fontes é citada, como visto anteriormente, pelo *Jornal Expresso*

como uma forma de alcançar a objetividade. A temática das fontes, que está muito relacionada ao método jornalístico, é, como se pode imaginar, parte da discussão teórica sobre um conteúdo jornalístico. As fontes são determinantes para a qualidade da informação produzida pelos mass media (WOLF, 1999, n.p). De acordo com Wolf (1999), as classificações de fontes são diversas, incluindo as institucionais e as oficiosas, por exemplo. Essas fontes, independentemente de sua classificação, não são casuais ou arbitrárias, muito menos iguais em sua relevância; ou seja, a estruturação das fontes vai contribuir de alguma forma para reforçar a ideologia de uma notícia.

“Os estudos sobre o newsmaking deram a conhecer este aspecto suficientemente claro e incontroverso: a rede de fontes que os órgãos de informação estabelecem como instrumento essencial para o seu funcionamento, reflecte, por um lado, a estrutura social e de poder existente e, por outro, organiza-se a partir das exigências dos procedimentos produtivos. As fontes que se situam à margem destas duas determinações, muito dificilmente podem influir, de forma eficaz, na cobertura informativa.” (WOLF, 1999, n.p)

Sem entrar na problematização e na discussão que envolve as fontes interessadas e a disparidade de oportunidades de algumas fontes serem consideradas credíveis, é fato que a escolha e a diversidade nesse quesito se mostra como importante na discussão sobre objetividade jornalística. Ainda segundo Wolf, a produtividade é uma das razões pelas quais as fontes institucionais prevalecem, já que elas fornecem materiais suficientes para uma notícia, sem ser necessário recorrer a outras fontes para obter dados e elementos necessários. A credibilidade também acaba se associando a essa questão, já que quanto mais credível uma fonte, menos fontes diferentes serão necessárias para compor uma notícia. No que diz respeito à importância, equilíbrio e integridade, Wolf afirma que as fontes oficiais e institucionais representam um ponto de vista oficial.

"Caso contrário, a notícia teria de ser verificada a partir de, pelo menos, duas fontes diferentes, mas se a informação puder ser explicitamente atribuída a uma única fonte, o problema da credibilidade passa do jornalista para a fonte explicitamente citada na notícia. Do ponto de vista dos procedimentos produtivos jornalísticos, as fontes estáveis, institucionais, acabam por assumir uma credibilidade adquirida como tempo e também ela rotinizada." (WOLF, 1999, n.p)

Ao citar as fontes na atuação jornalística, o Manual de Redação da *Folha de São Paulo* afirma que uma fonte primária, que tenha testemunhado um fato ou seja a origem da informação, é sempre preferível, embora o interesse pessoal na notícia possa algumas vezes turvar essa distinção. Em relação à quantidade de fontes consultadas, a *Folha de SP* afirma que isso dependerá da complexidade da pauta e do tempo disponível.

Como vimos anteriormente, Traquina (2004) sublinha que a origem da pirâmide invertida e do lide jornalístico acontece no decorrer do século XIX como uma forma de construir uma notícia mais objetiva. Na perspectiva de compreender a objetividade como uma questão de estilo de texto, é compreensível que a clareza e a noção de ir direto ao ponto ao escrever um texto seja tomada como objetividade. Bem como apresentar as informações em ordem crescente ou decrescente de relevância, no qual a pirâmide invertida e o lide entram como métodos utilizados para concluir essa função. Ao passo em que Tuchman (2008) problematiza a questão, pois de acordo com a autora, a questão da estruturação da informação em sequência adequada para confirmar sua objetividade é problemático, no sentido em que, mesmo que a escolha do lide passe pelos editores, o jornalista é quem será responsabilizado por essa escolha. E dizer que um fato é mais interessante e importante para estar em primeiro lugar relataria a sua ideia de importância em relação ao conteúdo.

Clareza, simplicidade e imparcialidade não são sinônimos de objetividade, mas auxiliam na percepção do valor, de acordo com Hohlfeldt (2008). Para o autor, a clareza e a simplicidade, embora relacionadas com a forma, ajudam no desempenho das categorias de conteúdo, em especial à objetividade e à exatidão, resultando na concisão, categoria também relacionada à forma: "Efetivamente, um texto simples e claro é conciso, e permite que a objetividade, a exatidão, a veracidade, enfim, que resultam na imparcialidade, sejam melhor percebidas pelo receptor" (HOHLFELDT, 2008, p. 2).

Percebe-se que, mesmo que a objetividade não seja citada diretamente em sala de aula ou em alguns cursos não seja temática de debates, há alusão a valores, métodos ou conceitos que se relacionam de certa forma com a objetividade.

4.5 Percepção dos entrevistados: semelhanças e diferenças no jornalismo brasileiro e português

No subcapítulo em questão, abordo a percepção dos estudantes brasileiros em Portugal sobre as diferenças ou semelhanças que eles acreditam ter entre o jornalismo nos dois países. As questões semi-estruturadas foram focadas na experiência não só como futuros jornalistas, mas como leitores e consumidores de notícias de jornais impressos e online de ambos países.

Para Lucas, a questão cultural reflete no modo de fazer jornalismo. O entrevistado salienta que sabe que é preciso levar em consideração a quantidade populacional dos dois países, que acaba gerando um fluxo muito maior de notícias no Brasil, por ter uma população

vinte vezes maior. De acordo com o entrevistado, ele tem a impressão de que as notícias ficam mais conexas no Brasil e que em Portugal parece que elas não se encaixam tanto, no sentido de, conforme sua experiência no mercado de trabalho português, ser uma produção mais individual. "Também acho que aqui as coisas são pouco romanceadas, mas sou suspeito para falar, já que eu gosto mais daquele jornalismo que a pessoa vai te levando junto" (LUCAS, 22 anos). O estudante afirma também que considera o jornalismo português bem mais objetivo, com informações claras e muito bem passadas, menos rebuscadas e mais diretas. Para Eduarda, o jornalismo português soa por vezes maçante e repetitivo.

"Eu não acho que seja semelhante, eu acho que aqui em Portugal me dá uma sensação um pouco morta, nem sei se poderia falar isso, mas acho que é bem isso, eles não debatem sobre neutralidade, sobre objetividade, mas eles seguem um código reto e fechado de como escrever matérias, sabe? E eu não acho isso positivo, né, eu sei que, daí entra neutralidade e objetividade, mas também isso afeta um pouco a questão daquela escrita que busca o leitor" (EDUARDA, 22 anos).

A estudante ainda afirma que considera que no Brasil há mais falhas jornalísticas no sentido de neutralidade e objetividade, mas que muitas vezes apresenta uma escrita mais interessante e ousada. "No geral, acho que a gente busca um título mais ousado, a gente brinca mais com as palavras. Eles não, eles se fecham no verbo, sujeito e complemento" (EDUARDA, 22 anos). A estudante relata também que sente que os debates teóricos ficaram mais na sua graduação na Universidade Estadual de Londrina do que na Universidade do Porto. Além disso, compreende que por o Brasil ser um país maior em tamanho e população, é mais fácil encontrar uma pauta relevante, já que muita coisa acontece ao mesmo tempo.

Marta, assim como Lucas e Eduarda, observa que no Brasil é possível enxergar posicionamentos mais declarados, enquanto em Portugal entende que as matérias são mais neutras. "No que diz de jornais de referência né, o *Correio da Manhã*²⁷ é super sensacionalista, a gente sabe que não é uma referência. Mas o *Público* por exemplo, acho eles muito polidos" (MARTA, 24 anos). Para a estudante, os jornais brasileiros também escancaram mais os problemas do país, enquanto os jornais portugueses dão uma polida em assuntos que podem ser polêmicos ou prejudicar a visão de Portugal como um país.

As estudantes Elen, Clara e Diana consideram que o jornalismo feito no Brasil e em Portugal são semelhantes. A estudante Elen ressalta que percebe que as notícias portuguesas se repetem por ter uma quantidade menor em relação ao Brasil. Já Clara, que também pensa que são formas de fazer jornalismo semelhantes, observa que a base é bem parecida e que sente que não foge muito um do outro, apesar dos códigos serem diferentes de país para país.

²⁷ O *Correio da Manhã* é um jornal diário português do tipo generalista.

Diana afirma que percebe o mesmo cuidado em relação a pluralidade de fontes e estrutura.

Luiza enxerga o jornalismo português mais direto, sem muitas voltas em um determinado assunto, mas direto ao ponto principal. Sente que a diferença não é enorme, mas que reparou nessas questões citadas. Brenda afirma que, por ser brasileira, pode ter sua visão influenciada, mas considera o jornalismo brasileiro, bem como a publicidade, melhores e mais elaborados. A estudante Juliana percebe que os jornais em Portugal são mais formais. Além disso, ela traz uma questão que não foi levantada por outros estudantes, que diz respeito às redes sociais.

"Eu também acho que eles estão começando a desenvolver mais conteúdos pras redes sociais e fazer mais conteúdos específicos pras redes. No Brasil, a gente já faz isso há mais tempo, parece. E sinto que até demais na verdade, fica tão para as redes sociais que às vezes parece que tá perdendo um pouco a base do jornalismo que tinha antes. Então essa foi a única diferença grande que eu percebi entre os dois, e claro, o tipo de conteúdo por serem dois países distintos" (JULIANA, 23 anos).

Guilherme, entretanto, percebe o estilo muito parecido com o do Brasil, mas ressalta que acha curioso o fato de os portugueses serem pauta em qualquer lugar do mundo. "Em Portugal é basicamente um critério de noticiabilidade se tem portugueses em algum lugar do mundo. Sinto que eles têm muitas notícias sobre os emigrantes portugueses" (GUILHERME, 23 anos). Além disso, o estudante ressalta que, por Portugal ser um país menor em relação ao Brasil, há muitas notícias dadas para o país que no caso do Brasil seriam notícias mais locais, do jornalismo local, como acidentes e crimes de menor proporção. E ainda em relação a essa questão do tamanho do país, Guilherme afirma que há muitas notícias vindas de agências de outros países da Europa, como se para preencher espaço e tempo, já que muitas vezes, em sua visão, não há tantas notícias portuguesas importantes em um único dia.

4.6 Considerações acerca da análise

Ao escolher a objetividade como objeto de análise, imaginei que entraria em outros conceitos e discussões que envolvem e compõem o jornalismo. Falar de objetividade muitas vezes também é falar de métodos utilizados, como escolha de fontes, lide, escrita clara e simples, ou cruzar com outros conceitos e valores como verdade, imparcialidade, neutralidade. Além disso, entrevistar estudantes brasileiros que cursam ou cursaram faculdade em Portugal e têm idades próximas que variam entre 22 e 24 anos, me leva a entender que mercado de trabalho, questões culturais e era digital também se farão presentes dentro do processo de construção da análise.

Observo também que, ironicamente ou não, ao escolher um tema específico e analisar através de entrevistas de estudantes, também encaro algumas questões que envolvem a minha própria objetividade e subjetividade. Ao fazer mobilidade acadêmica na Universidade do Porto, por exemplo, tive uma percepção de como o jornalismo era feito e de como certas discussões teóricas eram tratadas, e tomei aquilo, por vezes, como verdade absoluta, quando em realidade, ao entrevistar dez estudantes brasileiros, percebi que havia uma diversidade maior de opiniões e percepções a respeito disso.

Vale ressaltar que a entrevista em profundidade não permite testar hipóteses e dar tratamento estatístico às informações (DUARTE, 2005, pg. 63), portanto compreende-se que essa pesquisa tem alguns limites e que a entrevista aconteceu com uma pequena parcela de estudantes brasileiros que cursam ou cursaram jornalismo em universidades portuguesas. As conclusões não são portanto definitivas, mas um apanhado de percepções do objeto escolhido. A respeito das respostas obtidas, também é preciso refletir que estou lidando com as recordações dos estudantes e, como afirma José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), a memória é matéria essencial das entrevistas, sendo dinâmica, variável e parcial. Ou seja, quando falamos de memória, é importante saber que estamos lidando também com o esquecimento, com o apagamento e com a distorção de lembranças, bem como com o significado que as experiências têm para cada pessoa. Dito isso, sabe-se que as entrevistas realizadas encontram um certo limite, e que elas não representam exatamente o que foi ensinado em sala de aula das universidades portuguesas, mas refletem o que foi absorvido por cada aluno de acordo com a sua memória pessoal e a sua subjetividade a partir das suas vivências enquanto alunos.

Considero que pesquisar como parte dos futuros jornalistas enxergam o fazer jornalístico é importante para compreender como um fragmento dessa categoria se posiciona frente a assuntos que envolvem a profissão. A discussão sobre objetividade, como citada algumas vezes neste trabalho, é um dos valores que envolve a credibilidade dos jornalistas em relação aos leitores e que diferencia, muitas vezes, o jornalismo das notícias falsas e que desconsideram certos valores e métodos. Todos os estudantes entrevistados reconhecem que a discussão teórica sobre valores e sobre a objetividade é importante e complementar às práticas dentro do jornalismo, seja para compreender melhor o ofício ou para ter argumentos para defender a profissão. Entretanto, a maioria dos entrevistados percebe que há pouco debate e problematização do valor em sala de aula, sendo muitas vezes tomado como uma obviedade na construção dos textos. Apesar disso, há nitidamente uma preocupação em mostrar as informações mais importantes, em buscar uma diversidade de fontes e prestar atenção na questão ética e no que dizem os códigos deontológicos do jornalismo.

Lisboa (2012, p. 27) afirma que o conhecimento produzido pelo jornalismo também se torna confiável na medida em que cria métodos e processos de apuração que sustentam a veracidade das informações relatadas, e que esse processo envolve o pluralismo de visões, a objetividade e também a clareza na apresentação e descrição dos fatos. Benetti e Lisboa (2005) destacam que as escolhas discursivas, a fotografia e o uso das fontes especializadas, por exemplo, fazem parte de um conjunto de técnicas que transformam o texto jornalístico em um relato credível dos fatos que compõem a realidade. E de um modo geral, essas são as questões que predominaram nas respostas dos entrevistados brasileiros que estudam em Portugal. É perceptível que as visões, de um modo geral, associam a objetividade aos métodos e às técnicas que serão utilizados na construção do texto. E essa parece ser a maior preocupação em sala de aula, de acordo com as respostas. Há também alguns alunos que afirmam ter visto o valor apenas nas aulas práticas, o que reforça ainda mais a ideia de que a objetividade é compreendida através dos seus aspectos formais. As entrevistas, de modo geral, destacam os aspectos textuais e, por vezes, a visão sobre a objetividade dos estudantes brasileiros aproxima-se mais do senso comum.

A pluralidade e a quantidade de fontes, o lide e a pirâmide invertida, juntos com a clareza da escrita, repete-se quando os alunos são questionados sobre quais outros valores, métodos ou princípios são compreendidos como importantes e essenciais para o jornalismo. Essas percepções, de certa forma, vão ao encontro do que alguns autores citados acreditam ser importante sobre a objetividade, como Kovach e Rosenstiel (2003) que afirmam que as técnicas na construção da escrita, bem como o método que envolve apuração de fatos, clareza e busca de sentido, são importantes para a defesa do jornalismo. Gehrke (2017) também considera que para o jornalismo ter credibilidade, é preciso que ele esteja na direção de um método científico. A criatividade, como citada pelo entrevistado Lucas, também entra nessa questão da objetividade, de acordo com Martins (2005). O jornalista, nos dias de hoje, precisa — além do rigor e da responsabilidade com a verificação de fatos — ser criativo, oferecendo uma visão crítica da realidade sem perder a profundidade. Fazer um jornalismo que seja criativo e chame a atenção dos leitores se faz cada vez mais importante em um período em que as matérias jornalísticas disputam espaço nas redes sociais com notícias falsas ou pouco apuradas.

Nos manuais de redação brasileiros, a objetividade aparece de modo sucinto, já nos manuais portugueses como dos jornais *Público* e *Jornal Expresso*, há uma breve discussão que envolve a reflexão acerca do valor, trazendo a questão da subjetividade dos jornalistas e da impossibilidade de alcançar plenamente a objetividade. Ambos os jornais, em seus

manuais, falam também como seria possível buscar a objetividade possível através de métodos jornalísticos, sempre amparados na percepção da importância dessa reflexão do valor e do envolvimento da subjetividade e também das escolhas externas, como editoriais e a própria escolha da pauta. Interessante perceber que, apesar desses manuais portugueses trazerem o valor de forma mais reflexiva, isso não necessariamente aparece em sala de aula, de acordo com a visão dos estudantes.

Compreende-se também, através da fala dos entrevistados, que há diferença de aprofundamento nas teorias jornalísticas entre as universidades que unificam a comunicação e as universidades que separam os segmentos da comunicação no início ou em outro determinado momento do curso. Talvez a falta de um debate e de discussões mais profundas da teoria em comparação à prática dos veículos jornalísticos seja um reflexo também dessa estrutura. A subjetividade, por exemplo, foi citada apenas por três alunas quando questioneei sobre a objetividade, como se essa questão ficasse em segundo plano ou não tivesse conexão com o valor.

Os entrevistados compreendem, no entanto, que é importante debater sobre as teorias do jornalismo, tanto para lidar com a quantidade de *fake news* que circulam nas redes sociais, quanto para defender a profissão e saber explicar o que é o jornalismo e para que serve o jornalismo, já que atualmente há uma enorme desconfiança na imprensa e na profissão. A objetividade é como um método de trabalho essencial para os dias de hoje, para demonstrar que as informações foram apuradas e verificadas antes de chegarem ao grande público. Os métodos de objetividade podem de certa forma reduzir os erros e demonstrar veracidade.

Os entrevistados afirmam, ao comparar o jornalismo feito no Brasil e em Portugal, que muitas vezes os periódicos portugueses são tão sucintos que se tornam sem graça e monótonos na visão deles. Relembro aqui o comentário da estudante Marta, que afirma sentir muitas vezes que um jornalismo mais polido parece até mascarar e suavizar os problemas do país. Também recorro à percepção da estudante Juliana, que afirma que, nas redes sociais, a linguagem é tão adaptada à dinâmica de uma leitura mais rápida e superficial, que acaba se afastando do formato reconhecido como jornalístico.

É importante se munir do debate teórico para compreender melhor a complexidade que a profissão tem. A busca pela objetividade e os métodos realizados para chegar o mais próximo desse valor ajudam o jornalismo a se diferenciar do que é feito como se fosse jornalismo sem ser, como as notícias falsas, por exemplo. Entretanto, é preciso reconhecer os limites dessa objetividade, que não deve ser confundida com imparcialidade ou com uma neutralidade que ignora as desigualdades e os preconceitos da sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto desta pesquisa teve início ainda na mobilidade acadêmica que realizei em Portugal. Através de algumas percepções que tive com as aulas e da bagagem teórica que carreguei ao longo da graduação da UFRGS, percebi que seria interessante realizar uma abordagem entre os dois países e o valor que julgo ser um dos mais complexos e importantes para compreender o jornalismo.

No contexto contemporâneo, em que a desinformação e as notícias falsas circulam e fazem parte do cotidiano, é importante retomar algumas discussões teóricas do jornalismo como profissão e como fonte de informação. A objetividade serve então como aliada nesse momento atual em que vivemos, em meio a tantos ataques à imprensa e ao descrédito de boa parte da população frente aos jornalistas. A busca pela objetividade através da apuração de fatos, da argumentação, da interpretação e da mediação das informações se faz cada vez mais necessária. Sabe-se que a rotina de trabalho e o tempo disponível para os jornalistas na apuração de fatos nem sempre é o ideal, mas isso não pode ser uma barreira para a entrega de notícias que sigam princípios e métodos básicos do jornalismo, afinal, são esses cuidados com os procedimentos que diferenciam o que é jornalismo do que não é.

Buscar a objetividade, no entanto, diferente do que muitos pensam, não quer dizer se despir da própria subjetividade e nem ignorar a criatividade própria do jornalista. Uma escrita que chame a atenção e que tenha base no trabalho responsável é fundamental para que o jornalismo seja aceito e procurado pela população como fonte confiável de informação e conhecimento. Por vezes, isso se dará através da perspectiva do jornalista, bem como a bagagem cultural, política e social que carrega. A subjetividade está sempre presente nas produções jornalísticas, e o olhar interpretativo do jornalista pode ser utilizado no processo de argumentação, aproximando-o da noção do jornalismo como uma forma de conhecimento, como afirma Meditsch (2001) ao trazer o conceito da intersubjetividade.

Através das entrevistas e da análise dos manuais e livros de redação e estilo dos jornais de referência portugueses e brasileiros, foi possível alcançar os objetivos específicos deste trabalho. Ao optar pela entrevista em profundidade, sabia que teria um desafio grande pela frente no que diz respeito a identificar e contatar estudantes que moram em outro país e cursam jornalismo. Entretanto, de pouco em pouco, e com a técnica da "bola de neve" foi possível chegar a um número de entrevistas suficiente para que as respostas saturassem e atendessem aos objetivos específicos. Também acredito que a escolha pela pesquisa qualitativa com entrevista foi a ideal nesse caso, no qual o objetivo de forma geral era compreender as percepções sobre o valor através dos estudantes.

O segundo objetivo específico **b) comparar as noções sobre a expressão do valor de objetividade na produção jornalística dos dois países, através das normas e condutas dos manuais de jornais de referência**, foi contemplado no segundo capítulo teórico, e notou-se que a objetividade está de fato presente nas discussões dos manuais, compondo todos os livros e manuais de estilo e redação dos jornais de referência escolhidos e analisados. Ao menos uma vez a objetividade é citada pela maior parte dos jornais analisados, mesmo que nem todos debatam sobre a questão de maneira reflexiva. Percebe-se também que, ao citar a objetividade, outros termos e princípios aparecem como parte do processo para alcançar esse valor, como a clareza e a precisão, por exemplo. Há uma diferença na abordagem do valor em relação aos dois países analisados, e observa-se que os jornais de referência portugueses, como o *Jornal Expresso* e o *Público*, por exemplo, trazem a questão da objetividade como inalcançável, mas como um horizonte a ser buscado e que envolve técnicas e métodos que funcionam como um espécie de "guia". Esses jornais portugueses trazem a discussão de maneira mais reflexiva se compararmos com os jornais brasileiros, que muitas vezes apenas citam a objetividade, sem explicar necessariamente o que é ser objetivo ou como alcançar a objetividade possível. Além da objetividade, existem outros princípios que são citados pelos manuais dos dois países como essenciais: verdade, precisão, pluralidade, criatividade, rigor, qualidade, isenção e independência.

Já os outros dois objetivos específicos, **a) identificar concepções de objetividade jornalística a partir da visão de estudantes brasileiros em Portugal** e **c) analisar o modo como o valor é discutido nos cursos de jornalismo e comunicação portugueses, através da percepção dos alunos brasileiros que estudam em Portugal, por meio de entrevistas**, são desenvolvidos no capítulo de análise, ao longo da observação das entrevistas dos estudantes brasileiros que fazem jornalismo e comunicação nas seis universidades portuguesas contempladas nesta pesquisa. Foi possível notar que a ideia de objetividade em Portugal, de

acordo com a percepção dos estudantes brasileiros, está muito associada à maneira como é feita a escrita e como é criado o texto estruturalmente. A visão que predomina é a técnica, que envolve uma série de fatores e métodos que devem ser seguidos, como o lide, a pirâmide invertida e a pluralidade de fontes. Os estudantes consideram que o debate teórico é essencial para compreender melhor a prática, mas percebem que há pouca ou nenhuma discussão em sala de aula abordando esse valor.

Também através das entrevistas, percebe-se que os estudantes consideram o jornalismo feito em Portugal mais claro, polido e neutro, o que por vezes, ainda na visão desses estudantes, torna-o um pouco monótono e desinteressante. Há também alguns alunos que consideram que o jornalismo entre Brasil e Portugal não se diferencia muito, e que apresentam princípios e formatos semelhantes, apesar de compreenderem que há uma maior complexidade e quantidade de notícias no Brasil, por ser um país grande e com uma população maior do que a população portuguesa.

A percepção que tive ao realizar a mobilidade acadêmica foi semelhante a dos estudantes entrevistados, de que o debate teórico em sala de aula é de forma geral raso, e que há pouco espaço para discussões teóricas entre os estudantes. Mas também reconheço, através da minha experiência, que há uma preocupação com a questão técnica e com os valores deontológicos do jornalismo. Foi interessante perceber que, de modo geral, os estudantes que cursaram jornalismo em Portugal também sentem falta de um debate teórico em sala de aula com os próprios colegas, para entender o que eles pensam e para construir juntos uma visão mais crítica do jornalismo, bem como refletir como conseguir levar a teoria aprendida em sala de aula para a prática. Os estudantes que cursaram algum período da faculdade no Brasil observaram que as discussões teóricas que mais se recordam foram realizadas nas salas de aula brasileiras, enquanto o aprendizado prático nas universidades portuguesas está mais presente na memória.

A objetividade jornalística pode ser buscada e os métodos utilizados podem servir para que o jornalista consiga alcançar a realidade e a verdade mais próxima, e isso não significa ser rígido na escrita e deixar a argumentação e a interpretação de lado, visto que essas fazem parte do jornalismo e podem também contribuir para a construção da notícia de forma aprofundada. Também é preciso lembrar que faz parte da função do jornalista ajudar na construção crítica da sociedade e, como alerta o manual do jornal *Público*, não existe neutralidade e imparcialidade quando tratamos de questões que envolvem direitos humanos e preconceitos de toda ordem. Quando se trata de valores fundamentais da vida em sociedade, é

preciso estar atento às armadilhas que a noção de objetividade pode impor no cenário atual em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Disponível em <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf>. Acesso em 28 de agosto de 2022.
- AMARAL, Marcia Franz. **Lugares de fala do leitor no Diário Gaúcho**. 2004. 273 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Cap. 2. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/6253>. Acesso em: 14 set. 2022.
- ANASTÁCIO, Vítor Hugo; COSTA, Cristiane Henriques. **Em busca de um jornalismo moderno: a chegada do manual de redação à imprensa brasileira**. Apresentado no VIII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR). Encontro FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi – São Paulo, Nov. 2018. Disponível em: <https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/JPJor2018/paper/viewFile/1305/573>. Acesso em: 10 maio 2022.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBERO, Martín. **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social**. In: Souza, Mauro Wilton de (Org). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BARSOTTI, Adriana. **Os limites da objetividade jornalística no século XXI**. Intercom. 40 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Virtual, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-tj/adriana-barsotti.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2022.
- BIERNACKI, Patrick; Waldorf, Dan. **Sociological, Methods & Research**. New York: Sage Publications, 1981. Disponível em: <https://ethnographyworkshop.files.wordpress.com/2014/11/biernacki-waldorf-1981-snowball-sampling-problems-and-techniques-of-chain-referral-sampling-sociological-methods-research.pdf>. Acesso em: 10 de agosto de 2022.
- BRIXIUS, Leandro José. **Objetividade jornalística: um estudo a partir da rotinas de produção das editorias de política de Zero Hora e Correio do Povo**. 2006. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2595>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- CANELLAS, Marcelo. *Nem imparcial, nem engajado: o repórter como artífice da notícia*. IN: Canela,

Guilherme. **Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

CUPANI, Alberto Oscar. **A objetividade científica como problema filosófico**. Caderno Catarinense de Ensino de Física, Florianópolis, v.6, p. 18-29, 1989

DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FRANCISCATO, Carlos. **Novas perspectivas para uma sistematização das teorias do jornalismo**. Intexto. N. 34. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-8583201534.658-676>. Acesso em 21 de novembro de 2021.

GEHRKE, Marília. **O resgate da objetividade como método aplicado ao jornalismo guiado por dados**. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354582269_O_resgate_da_objetividade_como_metodo_aplicado_ao_jornalismo_guiado_por_dados. Acesso em: 15 de junho de 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOHLFEDT, Antonio. **Objetividade: categoria jornalística mitificada**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, Campo Grande, 2001.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os profissionais devem saber e o público deve exigir**. Porto: Editora Porto, 2001.

LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. NY: Dover, 2004. Originally published by Harcourt, Brace and Company, New York, in 1922.

LUSTOSA, Elias. **O texto da notícia**. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

LISBOA, Silvia Saraiva de Macedo. **Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor: independência, imparcialidade, honestidade, objetividade e coerência**. UFRGS. 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/54507>. Acesso em 15 de agosto de 2022.

LISBOA, S., & BENETTI, M. (2015). **O jornalismo como crença verdadeira justificada**. *Brazilian Journalism Research*, 11(2), 10–29. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/BJR.v11n2.2015.664>

Manual de ética redacional e estilo; organização de Zero Hora. -- Porto Alegre: L&PM, 1994. 80p.

Manual de Redação: Folha de S. Paulo / - São Paulo: Publifolha, 2001. Vários colaboradores. Revista e atualizada.

Manual da Redação: Folha de S. Paulo - 21. ed. São Paulo: Publifolha, 2018. Vários colaboradores. Bibliografia.

Manual de Redação do Estado de S. Paulo. São Paulo. 1997. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/manualredacao/edicao>; <https://www.estadao.com.br/manualredacao/gerais>. Acesso 25 de maio 2022.

MARTINS, Carla. **A objectividade como “dever referencial” dos jornalistas**. Caleidoscópio, n.5/6. Lisboa: Universidade Lusófona, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10437/2606>. Acesso em 10 março 2022.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**, 120 p. Summus Editorial, 2008.

MEDITSCH, Eduardo (2001). **Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade, argumentação: ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do jornalismo**. In: X Encontro da Compós, 2001, Brasília. Anais... Brasília: UnB. CD-Rom. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/meditsch-eduardo-generos-de-discurso.pdf>. Acesso em: 21 de novembro de 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2005. São Paulo. Editora Loyola. p. 61-86.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Memória, História Oral e Diferenças**. Sesc Memórias. Youtube, 1 de novembro de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

MESQUITA, Mário (2004) **O Quarto Equívoco** [2003], Coimbra, Minerva Coimbra.

MARTINS Filho, Eduardo Lopes, 1939 - **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo** / Eduardo Martins. 3a edição, revista e ampliada - São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MORETZSOHN, Sylvia. **“Profissionalismo” e “objetividade”**: o jornalismo na contramão da política. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 9., 2000, Rio de Janeiro. Anais [...]. Campinas: Galoá, 2000. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-profissionalismo-jornalismo.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>

Práticas editoriais em GZH. Grupo Zero Hora. Porto Alegre. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/praticas-editoriais/>. Acesso em 27 de maio 2022.

Princípios Editoriais das Organizações Globo. Globosat. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://canaisglobosat.globo.com/principios-editoriais/>. Acesso em 28 de maio 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: método e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Editora Feevale, 2013

REGINATO, G. D. (2018). **As finalidades do jornalismo: percepções de veículos, jornalistas e leitores**. Revista FAMECOS, 25(3), ID29349. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/140809>. Acesso em 20 de abril de 2022.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **Os elementos do jornalismo impresso**. Porto: S.N, 2001. 542 p. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SOUSA, Jorge Pedro. **As Notícias e seus Efeitos**. Editora Minerva Coimbra, 1999. 224 p. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993

TUCHMAN, Gaye (1993). **A objectividade como ritual estratégico**: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: Traquina, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.

APÊNDICE A - MODELO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO****AUTORIZAÇÃO**

Eu, _____ abaixo assinado(a), autorizo *Taciana Farias Martins*, estudante de *Jornalismo*, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título provisório *Entre Brasil e Portugal: como os estudantes brasileiros de universidades portuguesas percebem o valor de objetividade jornalística* e está sendo orientado por/pela Prof.(a.) Dr.(a.) *Aline do Amaral Garcia Strelow*.

Porto Alegre, de setembro de 2022 .

Assinatura do entrevistado